

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Campus Ouro Preto

Giordana Priscila Costa Silva

**Tipologia de Janelas em Edificações  
Históricas de Ouro Preto**

Ouro Preto  
2010

Giordana Priscila Costa Silva

# **Tipologia de Janelas em Edificações Históricas de Ouro Preto**

Monografia apresentada à Diretoria de Pesquisa, Graduação e Pós-Graduação do Instituto Federal Minas Gerais – Campus Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Conservação e Restauro.

Orientadora: Maria Cristina Rocha Simão

Ouro Preto  
2010

*Agradeço aos meus pais e irmãos, pela compreensão e por acreditarem em mim; à professora M<sup>a</sup> Cristina, por toda paciência, dedicação e conhecimento; à eterna República Mistura Fina, por muito do que eu vivi e aprendi nesses anos; e aos demais professores e amigos, que estiveram comigo durante mais uma etapa.*

*“Seu futuro depende de muitas coisas,  
mas principalmente de você.”  
(Frank Tyger)*

## **Resumo**

O trabalho em questão é resultado de uma pesquisa teórica e de campo que busca compreender a evolução arquitetônica da cidade colonial mineira de Ouro Preto. Através da análise das diferentes tipologias existentes na região, deu-se destaque às tipologias dos vãos, mais precisamente das janelas, construindo assim um inventário, que contém informações que caracterizam e identificam cada um dos imóveis inventariados, localizados em um delimitado perímetro no entorno da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Foram construídos também mapas que mostram o resultado das pesquisas feitas, expondo os dados coletados, como também cruzando as informações, a fim de auxiliar na compreensão do que foi observado em campo. Assim, fez-se uma comparação de todos os dados levantados e todo embasamento teórico, o que resultou em uma síntese sobre a predominância de tipologias observada na região bem como suas características marcantes.

**Palavras-chave:** tipologia; vãos; janela; verga; colonial; Bairro Pilar; Ouro Preto.

## Lista de Ilustrações

<b>Figura 1</b> – Caminho Tronco.	20
<b>Figura 2</b> – Representação do povoamento no <i>Caminho Tronco</i> .	21
<b>Figura 3</b> – Vista da Rua Randolpho Bretas (Rua das Escadinhas) na década de 1940.	22
<b>Figura 4</b> – Mais uma vista da Rua Randolpho Bretas, provavelmente posterior à década de 1940.	22
<b>Figura 5</b> – Vista atual da Rua Randolpho Bretas ou Rua das Escadinhas.	23
<b>Figura 6</b> – Exemplo de planta baixa semelhante às <i>casas de morros</i> e aos <i>ranchos</i> .	24
<b>Figura 7</b> – Exemplo de planta baixa de <i>casa de morro</i> já possuindo maior divisão dos cômodos, devido às necessidades de moradia.	24
<b>Figura 8</b> – Planta baixa da Fazenda do Manso, em Ouro Preto, importante exemplar de <i>casa de arrebalde</i> .	25
<b>Figura 9</b> – Fachada e planta baixa que exemplificam <i>casas urbanas térreas</i> .	26
<b>Figura 10</b> – Planta baixa, pavimentos térreo e superior, que exemplificam <i>sobrados</i> .	27
<b>Figura 11</b> – Exemplos de vãos geminados em Ouro Preto, Rua Conde de Bobadela (Rua Direita) e Rua do Pilar.	31
<b>Figura 12</b> – Curioso exemplar de vãos geminados encontrado na Rua Alvarenga.	32
<b>Figura 13</b> – Exemplo de janelas singulares na Rua Conde de Bobadela (Rua Direita).	32
<b>Figura 14</b> – Tipos de janelas: I – Janela de peitoril; I – Janela com o parapeito entalado; III – Janela com o parapeito sacado.	33
<b>Figura 15</b> – Janela típica de andar superior, com parapeito sacado e folhas com almofadas e postigo.	34
<b>Figura 16</b> – Evolução das tipologias das janelas ao longo do século XVIII.	36
<b>Figura 17</b> – Diversos tipos de sacadas de ferro encontradas na Rua Conde de Bobadela (Rua Direita) e Rua Paraná, em Ouro Preto.	37
<b>Figura 18</b> – Exemplar raro de sacada com dizeres, na Praça Tiradentes, em Ouro Preto.	38
<b>Figura 19</b> – Em destaque, o desenho das sacadas das janelas mostradas na figura anterior.	38

<b>Figura 20</b> – Exemplos de janelas simples de verga reta encontrados em Ouro Preto.	39
<b>Figura 21</b> – Diversos exemplos de janelas de verga reta em Ouro Preto, com presença de venezianas e rótulas.	40
<b>Figura 22</b> – Tipos mais comuns de vergas alteadas encontradas em Ouro Preto.	42
<b>Figura 23</b> – Exemplos de janelas com vergas curvas encontradas em Ouro Preto.	42
<b>Figura 24</b> – Exemplo de janela de verga em arco pleno, com bandeira fixa e guilhotina encontrada em chalé na Rua Conselheiro Quintiliano, em Ouro Preto.	43
<b>Figura 25</b> – Exemplos de janelas com vergas ogivais encontradas na Rua Conselheiro Quintiliano e Rua Alvarenga.	44
<b>Figura 26</b> – Evolução dos diversos tipos de janelas encontrados em edificações históricas de Ouro Preto – da verga reta ao arco pleno.	45
<b>Figura 27</b> – Mapa da região delimitada para pesquisa no Bairro Pilar.	47
<b>Figura 28</b> – Mapa que identifica o tipo de janela observado em cada edificação.	48
<b>Figura 29</b> – Mapa que identifica os tipos de verga observados em cada edificação.	49
<b>Figura 31</b> – Mapa que identifica a proporção entre cheios e vazios de cada edificação.	51
<b>Figura 32</b> – Mapa que identifica a provável época de construção das edificações.	52
<b>Figura 33</b> – Exemplos de janelas de peitoril contidas no inventário.	54
<b>Figura 34</b> – Mapa que relaciona tipos de janelas e tipos de verga.	56
<b>Figura 35</b> – Mapa que relaciona prováveis épocas de construção e tipos de janelas.	60
<b>Figura 36</b> – Mapa que relaciona prováveis épocas de construção e tipos de vergas.	61
<b>Figura 37</b> – Mapa que relaciona prováveis épocas de construção e nº de pavimentos.	62
<b>Figura 38</b> – Mapa que relaciona prováveis épocas de construção e proporção entre cheios e vazios.	63

## Sumário

1. Introdução	8
2. Arquitetura em Minas Gerais	13
3. Ouro Preto – Povoamento e Urbanização	18
4. Vãos – Técnicas e Materiais	31
4.1. Tipos	33
4.2. Vergas e Ombreiras	39
4.3. Cores	45
5. Estudo de Caso – Fachadas do Bairro Pilar	46
5.1. O Bairro	46
5.2. O Inventário	47
5.3. Relação entre Vergas e Tipos de Janelas	52
5.4. Relação entre Prováveis Épocas de Construção e outros Aspectos	57
6. Conclusão	67
7. Referências Bibliográficas	68
8. Bibliografia	70
9. Anexo – Inventário	72

## 1. Introdução

A cidade nem sempre é exclusivamente produto de um traçado planejado. Ela não existe apenas em função de sua estrutura físico-espacial, mas graças a seus monumentos, espaços públicos, construções civis, paisagem natural e arquitetônica, que dão “forma” ao caráter adquirido por cada cidade ao longo dos séculos. E a cidade mineira de Ouro Preto não é diferente. Seu traçado irregular de cidade colonial não influencia negativamente no seu valor artístico e monumental, pelo contrário, faz com a paisagem da cidade tenha uma beleza única e apaixonante. A arquitetura “toma conta” de toda a cidade, por meio de seus monumentos, prédios públicos e particulares, apresentando tipologia particular distinta, por mais semelhante que seja a outras do mesmo período.

Gerada “a partir da conurbação de uma série de arraiais de exploração aurífera localizados nas margens do córrego do Tripuí, unidos entre si por um caminho direto que marcava a chegada e a saída desta zona de mineração” (BAETA, 2002. p.980), Vila Rica passou por um processo de formação bastante original, sendo geograficamente condicionada ao acaso, sem obedecer nenhum critério técnico de localização. Tal caminho, mais conhecido como *Caminho Tronco*<sup>1</sup>, fazia então a união dos diversos arraiais, englobando desde o Bairro Cabeças, passando por Pilar, Centro, Antônio Dias até o Padre Faria. Ainda sim, dividia-se em duas principais freguesias, que possuíam cada uma sua matriz, Pilar (com a Matriz de Nossa Senhora do Pilar) e Antônio Dias (com a Matriz de Nossa Senhora da Conceição).

Assim, aos poucos, Vila Rica foi tomando forma. O lugar onde, até então, se observava um aglomerado, vai cedendo lugar a uma cidade que forma seu caráter e sua identidade, até a decadência do ouro. A relação entre a topografia da cidade e as tipologias presentes (formas, cores e texturas) criou um ambiente único, contendo uma harmonia de um processo de ocupação não planejado.

Sem planejamento e condicionada pela geografia, foi a iniciativa privada que definiu o traçado e a configuração urbana de Vila Rica, desde as construções das residências provisórias, e depois, permanentes, até a demarcação dos pontos de destaque onde

---

<sup>1</sup> Denominação dada por Sylvio de Vasconcellos ao estudar a ocupação urbana ouro-pretana inicial, referenciando-se ao seu traçado longitudinal que servia como caminho do comércio.

foram erguidas as igrejas (VILLASCHI, 2008).

Segundo Vasconcellos (1977, p.66):

A topografia de Vila Rica é, por assim dizer, bastante imprópria ao estabelecimento de uma povoação. Terrenos planos naturais são, praticamente inexistentes e a sua obtenção, por aterros ou desaterros, é dificultada ao extremo pela dureza geral do solo. As ruas, ao longo das encostas, deixam, de um lado, lotes de fortes aclives, de outro, de consideráveis declives. Esta topografia, assim difícil, explica as preferências e desapareços por diversos sistemas construtivos. (...) Atendendo a estas injunções, será natural que as edificações se fizessem de madeira e barro, não utilizados semente quando sua obtenção se torna difícil e a disponibilidade de pedra supre os inconvenientes de seu emprego.

Tanto como

A uma topografia assim tão difícil pode também ser atribuída a pouca aplicação, em Vila Rica, da taipa de pilão, que só teria aparecido em suas primeiras construções, talvez por tradições seiscentistas pouco adaptadas ainda ao local. Mesmo assim, só há notícia de seu uso nas matrizes ou em algum edifício público, em suas fases iniciais (VASCONCELLOS, 1977. p.68).

Portanto, dentre essa cidade monumental que vemos hoje, sendo um exemplo de preservação de acervo arquitetônico do período colonial, não podemos deixar de lado a parte que completa e envolve esses monumentos, a arquitetura civil, que contribui para que se forme um dos mais belos conjuntos arquitetônicos de casarios coloniais do Brasil.

A ocupação residencial, destacada na forma de casas geminadas, com estilos e técnicas construtivas semelhantes e certa regularidade volumétrica, juntamente com a relação entre a largura das vias e a altura dos edifícios, gera o cenário da vida urbana do século XVIII que conhecemos através da história ainda hoje.

Segundo Vauthier (1975, p.33):

As quadras nas cidades brasileiras dividem-se em um grande número de habitações independentes. Seja por tradição da mãe-pátria, seja por necessidade de construção local, essas habitações são estreitas e longas. Cada casa ocupa sobre a rua apenas uma largura de 5 a 8 metros; as que ultrapassam essa dimensão constituem fenômenos (...).

As primeiras moradias de Vila Rica, os *ranchos*, foram fruto de um povoamento súbito, sem uma organização definida, ou seja, serviam apenas como abrigos provisórios que protegiam seus habitantes. Logo, surgiram casas mais amplas, conhecidas como *casas de arbalde ou rurais*, típicas da Vila, semelhantes às casas rurais paulistas do século XVII,

caracterizadas por plantas e elementos construtivos mais complexos. Assim, foi-se notando casas que copiavam as dos morros, de quatro cômodos divididos em cruz, com a presença típica do corredor, que vemos hoje ainda nos exemplares que nos restam.

Conseqüentemente, Vasconcellos (1977, p.133) diz que

O agenciamento das plantas, em função desse corredor, é comum a todo o Brasil, chegando Vauthier a esclarecer que “quem viu uma casa brasileira viu quase todas” e Debret a completar que “as casas absolutamente idênticas, tanto interna como externamente, diferem apenas pelo número de janelas”.

Quando o pau-a-pique substituiu a taipa de pilão, os sobrados foram ganhando destaque, sendo que priorizavam não só uma melhor utilização do lote, assim como pertenciam às classes sociais mais abastadas. Muitos surgiram de alterações nas casas originalmente térreas, onde ganharam mais um andar, mesmo que ainda conservando seus traços, utilizando geralmente o andar ao nível da rua para fins de comércio.

As características tipológicas dos edifícios representam muito da sociedade e da produção arquitetônica de cada lugar e época.

Pode-se dizer que as evoluções tipológicas são fundamentadas em uma intrincada gama de fatores formais, ideológicos, funcionais, estruturais, históricos, entre outros. Na história da arquitetura, há casos em que novas linguagens formais permanecem unidas a tipologias estruturais já existentes. A necessidade de mudanças é produzida em meio a uma cultura fortemente condicionada em um processo de questionamento dos próprios valores e significados (FILHO, 2005).

Na história de Ouro Preto, a produção arquitetônica do século XVIII e século XIX é de grande destaque e serve de referência para a construção civil que vem depois.

“As casas brasileiras típicas do século XVIII diferem das do século anterior pela maior simetria do risco das fachadas e por maior variedade na ornamentação” (SMITH, 1975. p.163). Assim, a tipologia das fachadas sofreu mudanças notáveis ao longo do tempo, ocorrendo desta forma uma evolução das técnicas construtivas, sendo que inicialmente se apresentavam acentuadamente quadradas, com predominância de cheio sobre vazios e vergas afastadas dos pisos e forros, ou seja, cada casa tinha apenas uma porta e uma janela, tradicionalmente colonial. Por volta da metade do século XVIII, as vergas, sofrendo influências, passaram à forma de arco. Logo, no fim desse mesmo século, entrando já no século XIX, os vãos passaram a prevalecer sobre o cheio das casas, pois as janelas passaram a ser verticalmente rasgadas até o chão, e com o surgimento de novas técnicas e novos

materiais, houve inovações tipológicas que buscavam não só beleza como conforto. Às vezes, observa-se mais de um tipo de vergas em uma só fachada. Aos poucos, novas mudanças foram ocorrendo, pés-direitos mais altos, tornando os vãos mais compridos e estreitos, uso do ferro nas varandas e cores com objetivo de decorar. Daí para frente, as mudanças foram pequenas, seguindo parâmetros anteriormente conhecidos, fazendo-se o que podemos chamar de releituras de tipologias pré-existentes. “Assim vemos misturar-se no Brasil as várias formas estilísticas das diversas épocas da arte setecentista portuguesa” (SMITH, 1975. p.168).

O trabalho em questão tem como objetivo realizar, através de inventário e pesquisa de campo, um estudo sobre as diversas tipologias construtivas encontradas nas janelas que compõem arquitetura civil da cidade mineira de Ouro Preto. Com base neste estudo será feita uma análise sobre a evolução destes “tipos”, dos materiais e técnicas utilizados ao longo dos séculos. Como foco da pesquisa, teremos os vãos, mais precisamente as janelas, das quais serão levantadas informações como, tipologia, época de construção, materiais e técnicas presentes nas edificações em estudo.

O perímetro delimitado a ser trabalhado é o entorno da Igreja de Nossa Senhora do Pilar, uma das matrizes da cidade, localizada no bairro Pilar, inserido no contexto do *Caminho Tronco*, caminho esse delimitado pelos primeiros núcleos urbanos da região. Fazendo parte do eixo principal da cidade, foi berço do crescimento e desenvolvimento desde a descoberta de Vila Rica, possuindo hoje grande importância, tanto arquitetônica quanto econômica, além de ser símbolo cultural e religioso. Assim, toda a pesquisa nos fornecerá informações necessárias para a realização de um histórico sobre a evolução da construção civil ouro-pretana, no tempo, espaço e história, nos dando base para uma análise de quando, como e porque aconteceram tais mudanças desde o século XVII até os dias de hoje.

Através de embasamento em vários estudos já realizados por diversos autores sobre arquitetura tradicional, mineira e ouro-pretana, como Sylvio de Vasconcellos, José Wasth Rodrigues, Ivo Porto de Menezes, Arthur C. Tavares Filho, Juca Villaschi, entre outros, será construído um histórico, sintetizando a história urbanística de Minas Gerais, Ouro Preto e do bairro Pilar, que contará um pouco sobre a evolução da construção de casas de residência em Minas no contexto do Período Colonial em diante. Além disso, será construído também um inventário, que servirá para ilustrar e exemplificar o estudo de caso, contando

com um número suficiente de edificações que darão base para todas as análises. Tal inventário possuirá documentação fotográfica, assim como levantamento gráfico de todas as janelas estudadas, além de informações básicas sobre cada edificação e seus elementos.

## 2. Arquitetura em Minas Gerais

A atividade construtiva no Brasil começa a partir de 1530, no Período Colonial, quando a colonização ganha impulso com a criação das Capitânicas Hereditárias<sup>2</sup> e a fundação das primeiras vilas, Igarçu, Olinda e São Vicente. Mais tarde, em 1549, é fundada a cidade de Salvador, por Tomé de Sousa<sup>3</sup>, como sede do Governo-Geral<sup>4</sup>, tendo seu traçado previamente definido para uma cidade que seria capital da Colônia. Apesar disso, o urbanismo colonial no Brasil, em geral, se caracterizou pela adaptação do traçado das ruas, largos e muralhas ao relevo do terreno e posição de edifícios importantes, como conventos e igrejas. A construção desses edifícios religiosos era acompanhada pela criação de um adro ou uma praça junto a tal edifício, assim como uma malha de ruas de acesso, organizando o espaço urbano. Era bastante comum que os monumentos religiosos fossem implantados em lugares mais altos da cidade, como em Congonhas do Campo, porém, em Ouro Preto, observa-se de outra forma, suas duas matrizes encontram-se em pontos baixos da cidade.

Assim, no século XVIII, as reformas realizadas pelo governo de Marquês de Pombal<sup>5</sup> levaram ao planejamento e fundação de diversas vilas, formando aos poucos as regiões que temos hoje. Aos poucos, foram sendo adotados padrões de fachadas para os edifícios, com objetivo de desenvolver traçados urbanos harmônicos e fortalecer as identidades e características típicas de cada cidade.

A região das Minas Gerais, formada em poucas décadas, a partir de uma considerável rede urbana, resultado de um rápido crescimento em consequência da exploração

---

<sup>2</sup> Entre os anos de 1534 e 1536, o rei de Portugal D. João III resolveu dividir a terra brasileira em faixas, que partiam do litoral até a linha imaginária do Tratado de Tordesilhas. Estas enormes faixas de terras, conhecidas como Capitânicas Hereditárias, foram doadas para nobres e pessoas de confiança do rei. Estes que recebiam as terras, chamados de donatários, tinham a função de administrar, colonizar, proteger e desenvolver a região. Cabia também aos donatários combater os índios de tribos que tentavam resistir à ocupação do território. Em troca destes serviços, além das terras, os donatários recebiam algumas regalias, como a permissão de explorar as riquezas minerais e vegetais da região. Estes territórios seriam transmitidos de forma hereditária, ou seja, passariam de pai para filho.

<sup>3</sup> Tomé de Sousa, um militar e político português, foi o primeiro governador geral do Brasil.

<sup>4</sup> Em função do desempenho insatisfatório do sistema de Capitânicas Hereditárias, D. João III, rei de Portugal resolveu criar o Governo-Geral no Brasil no ano de 1549. Era uma forma de centralizar o poder na colônia e acabar com a desorganização administrativa.

<sup>5</sup> Marquês de Pombal (título recebido pelo português Sebastião José de Carvalho e Melo em 1769), foi também Conde de Oeiras (1759) e Secretário de Estado dos Negócios do Reino de Portugal. Considerado um déspota esclarecido, praticou a mais rigorosa concentração de poder que Portugal já vira. Antijesuíta declarado, decretou em 20 de abril de 1759 a proscricção da Companhia de Jesus do Reino de Portugal.

aurífera e a crescente imigração do Ciclo do Ouro<sup>6</sup>, teve até a metade dos setecentos, povoações significativamente estabilizadas e uma vida urbana já com formas um tanto quanto precisas apesar de, ao longo desse tempo, ter sofrido diversas intervenções urbanísticas.

A arquitetura mineira do século XVIII é a que mais possui influência portuguesa, possuindo assim, traços semelhantes aos da arquitetura paulista e baiana. O desenvolvimento urbano observado se diverge um pouco devido à topografia encontrada em cada lugar. A evolução da construção civil se dá de forma parecida nas cidades históricas mineiras mais importantes, Ouro Preto, Mariana, Sabará, Diamantina, São João del Rei e Tiradentes, possuindo características comuns e tradicionais. Foi neste século que houve um aumento significativo de quantidade e qualidade de construção de edifícios civis, mesmo que eles tenham possuído menos destaque e imponência quando comparados aos religiosos da mesma época.

Assim, as construções civis inicialmente foram, em geral, edificadas usando-se a técnica da taipa, comumente com cobertura de palha. Logo, com o crescimento da colonização e estruturação urbanística, passou-se a utilizar novas técnicas, como tijolos de adobe e a pedra em forma de cantaria, acompanhados do uso de madeira na estrutura e cobertura de telhas de barro.

Nas vilas e cidades, as residências possuíam, a princípio, apenas um pavimento, sendo que as de dois pavimentos pertenciam à parcela mais nobre da população, sendo chamados de *sobrados*. Havia também edificações com maiores números de pavimentos, mas localizadas apenas em importantes centros. No geral, eram construídas em alvenaria de pedra ou taipa-de-pilão com paredes internas divisórias de pau-a-pique. Encontrava-se a pedra também em forma de cantaria, até então, presentes apenas nos cunhais. Assim, em se tratando de Vila Rica, por exemplo,

---

<sup>6</sup> Após a descoberta das primeiras minas de ouro, no século XVIII, o rei de Portugal tratou de organizar sua extração. Interessado nesta nova fonte de lucros, já que o comércio de açúcar passava por uma fase de declínio, ele começou a cobrar o quinto. O quinto nada mais era do que um imposto cobrado pela coroa portuguesa e correspondia a 20% de todo ouro encontrado na colônia. Este imposto era cobrado nas Casas de Fundição. A descoberta de ouro e o início da exploração das minas nas regiões auríferas (Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás) provocou uma verdadeira "corrida do ouro" para estas regiões. Procurando trabalho na região, desempregados de várias regiões do país partiram em busca do sonho de ficar rico da noite para o dia. O trabalho dos tropeiros foi de fundamental importância neste período, pois eram eles os responsáveis pelo abastecimento de animais de carga, alimentos (carne seca, principalmente) e outros mantimentos que não eram produzidos nas regiões mineradoras.

Preferem-se nas construções ou, pelo menos, nas paredes mestras, pilares, etc, as alvenarias de pedra, reservando-se as madeiras, pelas dificuldades apontadas, para as divisões internas ou pavimentos elevados, onde o seu pouco peso aconselhava maior aplicação desse material.

É claro também que a princípio, por mais econômicas, deverão ter prevalecido as técnicas construtivas mais ligadas ao barro e à madeira, “de má taipa ou de pau-a-pique de que, até o presente, era costume fazerem-se as casas nesta Vila”, como afirma Gomes Freire ao rei em 1742. Todavia, o mesmo informante acrescenta que, por aquela época, algumas casas já fazem de pedra e cal (VASCONCELLOS, 1977. p.114).

Os pisos eram comumente de terra batida no andar térreo e tábua corrida de madeira nos pavimentos superiores. Até então, notava-se nas fachadas a presença de janelas simples, com formas retangulares ou arcos abatidos, emolduradas em madeira, sendo que raramente em pedra. Apenas em edificações mais nobres encontravam-se sacadas com gradis de ferro, assim como o vidro que passou a ser mais utilizado no final do século XVIII. Os telhados eram vistos geralmente com duas ou quatro águas.

Aos poucos, foram sofrendo modificações e as técnicas construtivas foram evoluindo, de acordo com descobertas de materiais mais duradouros e de melhor trabalhabilidade. Nessa época, o conceito de beleza era bem divergente do que possuímos hoje, pois se remetia à idéia de utilidade, ou seja, não bastava apenas ser belo, tinha que, primeiro, atender às funções as quais se destinavam. Portanto, o homem do século XVIII construía de acordo com as necessidades de sua família, sendo materiais nobres utilizados geralmente pelos mais ricos apenas. Conseqüentemente, a evolução construtiva das residências foi acontecendo de acordo com as necessidades que surgiam a cada geração presente na sociedade, não havendo uma preocupação muito significativa com a questão da originalidade e singularidade dos tipos, mas sim com certa engenhosidade, ou seja, eficiência na “arte” de construir, o que nos esclarece o fato da notada semelhança existente na arquitetura das cidades luso-brasileiras do período colonial.

À medida que o tempo passa, nota-se que as casas começam a se afastar umas das outras e tem menores alturas, mas o *sobrado* não nos abandona por completo havendo assim um desenvolvimento maior da fachada principal, utilizando-se os mesmos materiais, com divergências apenas no seu emprego. “O número sacramental de três aberturas já não é observado; estas chegam a cinco e mesmo mais, e as paredes laterais, construídas como as fachadas, rasgam-se com múltiplos vãos” (VAUTHIER, 1975. p.71).

“Os construtores civis brasileiros não conseguiram imprimir à sua obra um sentido nacional de modo algum comparável ao que foi atingido pelos construtores de igrejas, este mesmo bastante limitado” (SMITH, 1975. p.190). Aos poucos, os arquitetos passaram a rejeitar a religiosidade intensa da estética e o exagero do barroco, buscando uma síntese espacial e formal, mais racional e objetiva, mas ainda sem uma idéia clara de como aplicar as novas tecnologias em uma nova arquitetura.

Nas cidades mineiras, assim como em muitas pelo Brasil, a modernização já começava a ser percebida em meados do século XIX, devido à expansão das ferrovias, a invenção do telégrafo, motor de explosão, além das intervenções urbanas. Assim, no fim do século já se notava que a população dos grandes centros vivia sob outro ritmo de vida, contando com o crescimento dos abrigos na maioria das vezes ilegais, como os cortiços.

Tal período, no qual podemos considerar como um dos períodos de experimentação mais dinâmicos da história da arquitetura, o Brasil passa por suas mudanças mais profundas, principalmente em termos de história propriamente dita. Observa-se assim um conjunto arquitetônico muito mais complexo, onde podemos destacar vários fatos como,

a persistência de formas e técnicas coloniais; a necessidade de novos programas e funções; a incorporação de materiais importados; a diversificação dos agentes; os novos processos de formação profissional de arquitetos e engenheiros; além da sincronicidade de várias linguagens formais - a recorrência aos estilos do passado (barroco e rococó) e a apreensão dos estilos então contemporâneos (o neoclassicismo<sup>7</sup> e outros revivalismos, além do ecletismo<sup>8</sup> e do *art nouveau*<sup>9</sup>) (PEREIRA, 2007 – Vol. II).

Logo, nota-se que ao invés de permanecer apenas um estilo dominante, como havia sido até então, começam a surgir novos estilos e técnicas, que passam a coexistir com os do passado,

---

<sup>7</sup> O movimento neoclássico da arquitetura iniciou-se na Inglaterra por volta de 1730, em reação ao barroco e o rococó, quando vários arquitetos começaram a visitar a Itália e a Grécia, e a publicar o resultado de suas observações, produzindo assim sob influências das características gregas e romanas até então conhecidas. Perante influências francesas, o estilo neoclássico se afirma, refletindo assim na arquitetura brasileira.

<sup>8</sup> O ecletismo foi um movimento arquitetônico predominante desde meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX, caracterizado pela mistura de estilos arquitetônicos do passado e a criação de uma nova linguagem arquitetônica, havendo assim combinações de elementos que vinham tanto da arquitetura clássica, quanto da medieval, da renascentista, da barroca e da neoclássica.

<sup>9</sup> *Art Nouveau* foi desenvolvido na Europa a partir do final do século XIX, caracterizado pela sua ruptura com as tradições que até então persistiam excessivamente na arte e na arquitetura. Tratou-se de um estilo novo voltado para a originalidade da forma, de modo que era destituído de quaisquer preocupações ideológicas e independente de quaisquer tradições estéticas. Também conhecido como *estilo 1900* ou *o estilo Liberty*, se apresenta como tendência arquitetônica inovadora; um estilo floreado, onde se destacam a linha curva e as formas orgânicas inspiradas em folhagens, flores, cisnes, labaredas e outros elementos.

dando a eles muitas vezes, uma “nova cara”, modernizando-os, mas permanecendo, ainda sim, a tradição colonial tão forte em nossa cultura.

Sendo assim, o ecletismo, que buscava reviver a arquitetura antiga e gerar novos estilos, se aproveitando, contudo, dos avanços da engenharia daquela época, passa a ser visto como um sistema diferenciado de práticas e valores, onde, o que ganhava destaque era a função do ornamento como parte da arquitetura e não apenas decoração, havendo assim uma “tipologia definida pela relação entre estilo e função” (PEREIRA, 2007 - Vol. II). A partir daí, o homem do século XIX se diverge do homem do século XVIII, no ponto em que falamos dos porquês de se construir e como. Em meio aos embates entre tradição e modernidade, passa-se a dar mais importância aos diversos tipos existentes do que ao estilo propriamente dito, pois a sociedade tinha o desejo de evoluir, e aposentava novos conceitos e necessidades.

Para a mentalidade da burguesia, o banco devia ter a aparência externa de um palácio renascentista, e a casa de campo a de um castelo feudal. Esta hipocrisia encontra sua condenação junto aos construtores com formação científica séria (BONAMETTI, 2006. p.2).

O ecletismo se tornou assim um estilo muito popular e sua presença é marcante no cenário urbano. A arquitetura do final do século XIX e do princípio do XX foi, sem dúvida alguma, eclética em todas as regiões do país, seja nas construções civis, religiosas, públicas, seja nas particulares e teve total apoio da burguesia em ascensão (BONAMETTI, 2006. p.4).

Além do uso e mistura de estilos estéticos históricos, a arquitetura eclética de maneira geral se caracterizou pela simetria, busca de grandiosidade, rigorosa hierarquização dos espaços internos e riqueza decorativa, inovando no uso do ferro como material de construção, mesmo que ele tenha sido principalmente usado em fachadas. E, sobretudo, pelo uso de ornamentação em argamassa na superfície da fachada principal por meio de cimbalhas, colunas, capitéis, pináculos e platibandas, que escondiam os telhados.

### 3. Ouro Preto, Povoamento e Urbanização

“Vila Rica é um dos frutos, talvez o maior, da admirável expansão portuguesa no Novo Mundo” (VASCONCELLOS, 1977. p.13) e possui, ainda hoje, um dos conjuntos arquitetônicos mais bonitos e visitados de Minas Gerais. Mas normalmente, as atenções das pessoas voltam-se muito mais para os grandes monumentos, como as igrejas e museus, esquecendo-se da arquitetura civil, casas de residência e comércio, tão importantes na história dessa cidade.

Após a corrida do ouro, com a descoberta de novas terras, vários aventureiros se dirigiram em direção ao território mineiro, sendo Antônio Dias de Oliveira, Padre João de Faria Fialho e os irmãos Camargo responsáveis pela fundação, por volta de 1698, do arraial que deu origem à Vila (Rica). Assim, intensificaram-se as explorações, e o povoamento começou a evoluir, pois os

(...) exploradores, desprovidos de garantias de vida e de propriedade, são impelidos a intrincheirar-se no mesmo local de trabalho, levantando seus abrigos nas próprias catas, à beira dos talhos, a céu aberto, ou aproveitando as próprias bocas das minas, concorrendo, desse modo, as explorações, para a disseminação dos povoados (VASCONCELLOS, 1977. p.16).

Aos poucos, os povoados vão tomando forma, organizando-se em torno das capelas provisórias, dando origem aos arraiais, hoje bairros de Ouro Preto, com as mesmas designações que possuíam naquela época.

Da mesma forma, outras capitanias receberam também muitos emigrantes, que contribuíram para o nascimento de várias povoações em outras partes da colônia. Acontece assim um crescente desenvolvimento, tanto da Metrópole quanto de outras regiões, o que leva, em 1701, Artur de Sá<sup>10</sup> a recomendar que não fosse permitida a entrada de mais ninguém nas regiões mineiras, havendo penas severas para os devidos infratores que desobedecessem tal ordem. Mas apesar de todas as medidas tomadas, de 1705 a 1750, vieram de Portugal cerca de 800.000 pessoas, com destino à colônia. Portanto, é necessário que se

---

<sup>10</sup> Governador das capitanias reunidas do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais nos fins do século XVII, época da descoberta das minas de ouro na região.

reconheça a contribuição dos portugueses e brasileiros de outras regiões no desenvolvimento posterior da região de Vila Rica.

Passando à região do ouro preto “para que seus moradores e os mais de todo o distrito pudessem viver arreglados e sujeitos com toda alva forma às leis de justiça” e atendendo “as riquezas que prometiam as minas que há tantos anos se lavram nestes morros e ribeiros e ser a parte principal destas minas onde acode o comércio e fazendas que dele emana”<sup>11</sup> em junta geral, realizada a 11.7.1711, determina que no arraial de N. S. do Pilar “junto ao de Antônio Dias, se fundasse a Vila pelas razões referidas, pois era sítio de maiores convivências que os povos tinham achado para o comércio”<sup>12</sup> (VASCONCELLOS, 1977. p.24).

Em conseqüência do desenvolvimento observado, em 1714 é solicitado, pelos vereadores ao rei, que se eleve a Vila à categoria de cidade, para que a população dali pudesse ter os mesmo privilégios dos paulistas. Porém, nessa época o pedido é indeferido, pois não convinha ao rei emancipar as povoações, a não ser que houvesse necessidade da instalação de bispados, que podiam ser criados em terras livres apenas, havendo, mesmo assim, casos de exceções.

Assim, a emigração segue intensa, composta por homens de diversas procedências e raças, mas, infelizmente, com desconhecidas informações verdadeiras a respeito de tal população. Vão se definindo aos poucos as diversas classes sociais, despertando assim nas pessoas uma necessidade de “aparentar riquezas acima de suas posses” (VASCONCELLOS, 1977. p.41), o que reflete diretamente nos conceitos arquitetônicos da época, com grande tendência às exteriorizações, onde,

Prevalendo-se dos conceitos arquitetônicos, então vigentes, pelos quais as fachadas se consideravam elementos autônomos da construção, os proprietários esforçavam-se sempre por um melhor tratamento das frentes das construções e das peças de recepção, relegando-se a segundo plano o interior das residências. Sofrem as fachadas principais adaptações contínuas, ao sabor das modas sucessivas, enquanto as laterais, com sua cachorrada simples, não só se despem de qualquer ornamentação, como, também, se abandonam às intempéries que as arruinam (VASCONCELLOS, 1977. p 41).

Tais características eram mais comuns entre as camadas sociais mais altas, onde o luxo dos exteriores de suas moradias não era condizente com os interiores das mesmas, humildes e rústicos. Gastavam-se fortunas com supérfluos para mostrar aos outros, enquanto, dentro de casa, levavam uma vida simples.

---

<sup>11</sup> Auto de ereção de Vila Rica, em Rev. A.P.M., ano II, p. 84.

<sup>12</sup> Auto de ereção de Vila Rica, idem.

Com o crescimento dos povoados, já com características de vila, a sociedade começa a se organizar em organismos próprios, agora não mais em torno de capelas provisórias, mas em torno de um só templo, que hoje são as matrizes.

Ampliadas as linhas divisórias das classes sociais, já perfeitamente definidas e consolidadas, começam a incompatibilizá-las choques e atritos freqüentes e inevitáveis. Algumas afastam-se do convívio comum, reunindo-se, as mais ínfimas, em suas irmandades e confrarias e, as mais elevadas, em ordens terceiras que, com seus templos próprios, contribuem para o descaminho dos recursos econômicos que sustentavam as matrizes.

Verifica-se também que, ao contrário das demais povoações da época, as casas mais importantes, o comércio, o centro da Vila, não se polarizavam em torno das Matrizes, ou pelo menos delas se desligaram, na 2ª metade do século XVIII. (VASCONCELLOS, 1977. p.45)

“Fixada entre as duas matrizes de Nossa Senhora do Pilar e da Conceição, configura-se a Vila (...)” (VASCONCELLOS, 1977. p.69), caracterizada por sua topografia singular, suas ladeiras, becos e bifurcações, que traçam caminhos muitas vezes ainda desconhecidos por muitos. Dentre esses caminhos um, famoso, se destaca muito transitado naquela época e ainda hoje importante para a cidade de Ouro Preto, a estrada tronco ou *Caminho Tronco* (Fig.1), como todos conhecem.

Principia esta estrada no Passa-Dez, subindo para as Cabeças; desce para a Matriz do Pilar, no fundo de Ouro Preto, de onde galga o morro de Santa Quitéria; decai para Antônio Dias, novamente sobe para o Alto da Cruz, de onde vira e sai para a Vila do Carmo, cidade de Mariana (VASCONCELLOS, 1977. p.71).

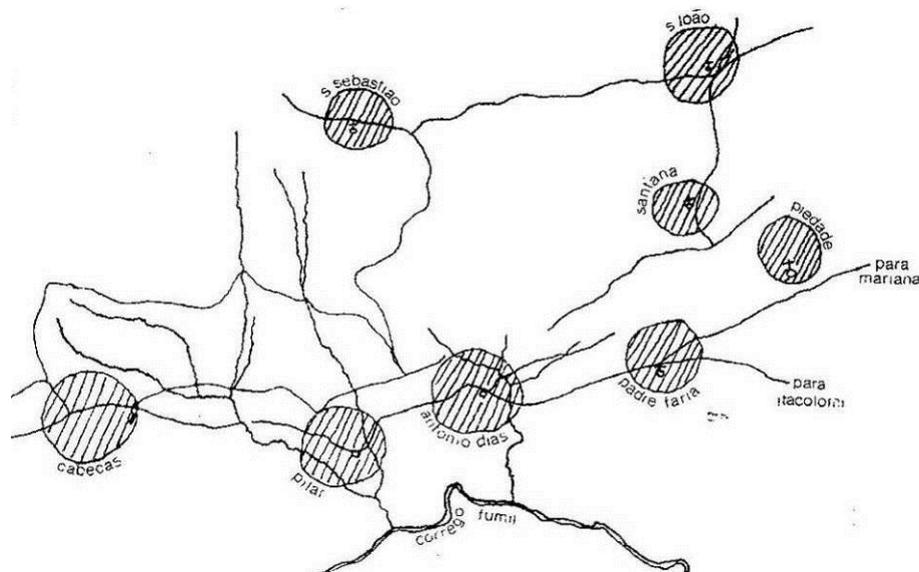


Figura 1 – Caminho Tronco.  
Fonte: VASCONCELLOS, 1977. p.72.

Ou seja, é claramente dividido em três partes principais: a primeira, trecho do Bairro Cabeças (hoje Rua Alvarenga Peixoto e Rua Bernardo Guimarães), a segunda, trecho entre os Bairros Rosário e Antônio Dias (passando pelo Bairro Pilar e pela Praça Tiradentes), e a terceira, trecho entre o Bairro Antônio Dias e Capela do Padre Faria (hoje ladeira de Santa Efigênia e ladeira do Padre Faria). Aos poucos, esse Caminho vai subdividindo-se em ruas, que vão sendo conhecidas por designações a princípio apenas explicativas, até ganharem, posteriormente, nomes dos moradores mais importantes ou das construções mais valiosas que em cada uma delas existiu. “Todas as igrejas e edifícios principais da Vila balizam esta rua tronco com poucas exceções” (VASCONCELLOS, 1977. p.77).

Assim, seguindo esse traçado característico, o povoamento da cidade acontece primeiramente nos extremos, Padre Faria e Alto da Cruz e nos arredores do Rosário e Pilar, seguindo um eixo longitudinal (Fig.2), só depois indo em direção ao Centro, que, após a construção da Casa de Câmara e Cadeia e do Palácio dos Governadores, contribui para a união das duas freguesias, definindo-se dessa forma um centro administrativo, núcleo da povoação. Logo, nota-se a abertura de novos caminhos, que são construídos de maneira a vencer as ondulações, desobedecendo aos traçados topográficos existentes.

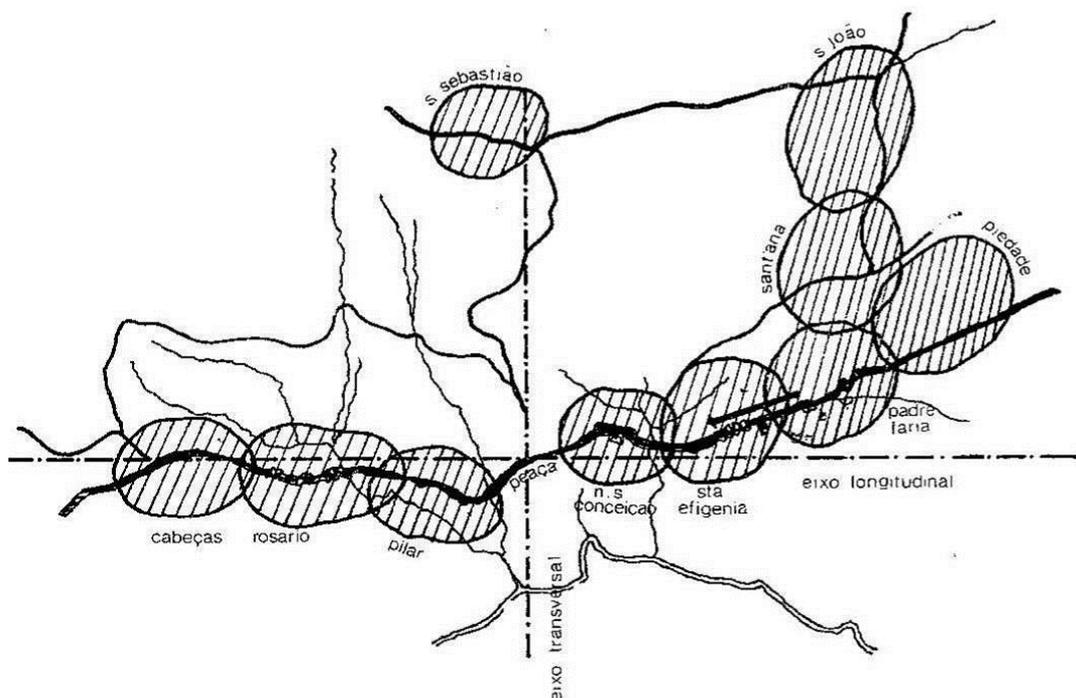


Figura 2 – Representação do povoamento no *Caminho Tronco*.  
Fonte: VASCONCELLOS, 1977. p.78.

Posteriormente, com tecnicismos mal compreendidos, são os arruamentos abertos em retas, por vezes de tal modo íngremes que quase impossibilitam o trânsito, obrigando soluções pouco satisfatórias, como sejam os degraus que vão batizar a Rua das Escadinhas (atual Randolpho Bretas, antiga Ladeira Simão da Rocha) (VASCONCELLOS, 1977. p.79-81). – (Fig. 3, 4 e 5)



Figura 3 – Vista da Rua Randolpho Bretas (Rua das Escadinhas) na década de 1940.  
Fonte: Acervo Luiz Fontana – IFAC.



Figura 4 – Mais uma vista da Rua Randolpho Bretas, provavelmente posterior à década de 1940.  
Fonte: Acervo Luiz Fontana – IFAC.



Figura 5 – Vista atual da Rua Randolpho Bretas ou Rua das Escadinhas.  
Foto: Giordana Silva, 2010.

As primeiras moradias de Vila Rica, os *ranchos*, são fruto de um povoamento súbito, destinadas simplesmente à proteção precária de seus moradores, como abrigos provisórios, sem uma devida organização estável. Quando maiores passam a ter telhados de duas águas e feitos de pau-a-pique, acabados a barro e vegetais. Assim, já com melhores acabamentos e divisões internas de “cômodos”, passam a abrigar famílias e não mais apenas mineiros que estavam de passagem. “Sem dúvida, a primeira fisionomia da Vila valeu-se dessas construções, como indicam os aforamentos da época”, (VASCONCELLOS, 1977. p.122). Logo, surgem casas semelhantes aos ranchos, as chamadas *casas de morros*, “peça única, com cerca de 15m<sup>2</sup>, aberta para o exterior por porta e janela na fachada principal” (VASCONCELLOS, 1977. p.125) (Fig.6), sendo bastante semelhantes às habitações silvícolas das missões jesuíticas e às senzalas dos engenhos. Crescendo as necessidades da população e os recursos financeiros, a área construída também se modifica, passando a não mais ser um cômodo apenas, mas ter divisões determinadas pelo uso, como dormitório e sala, por exemplo (Fig.7).

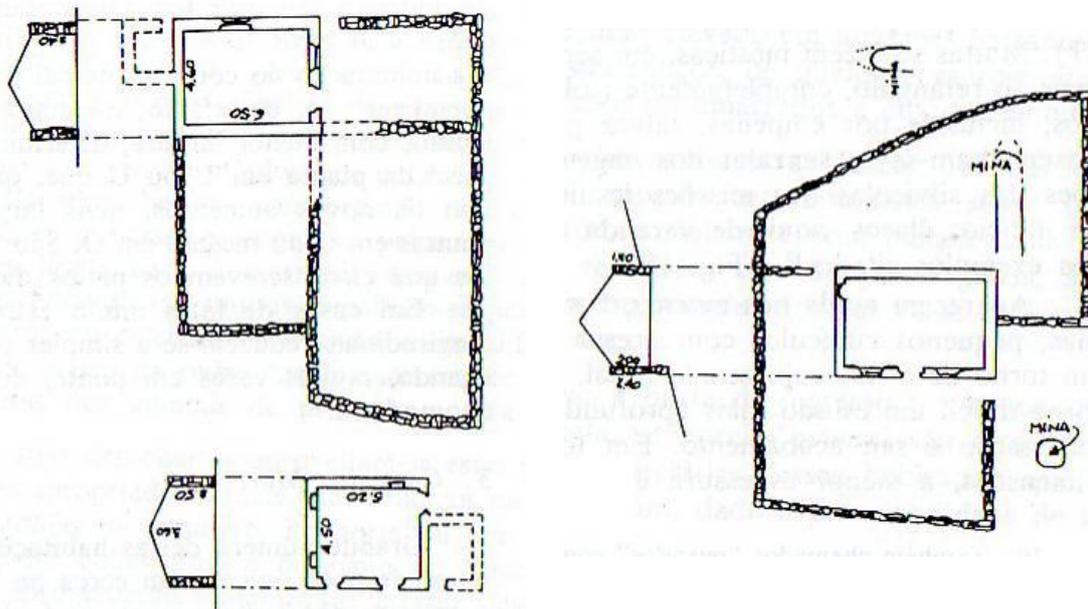


Figura 6 – Exemplo de planta baixa semelhante às *casas de morros* e aos *ranchos*.  
 Fonte: VASCONCELLOS, 1977, Pág 126.

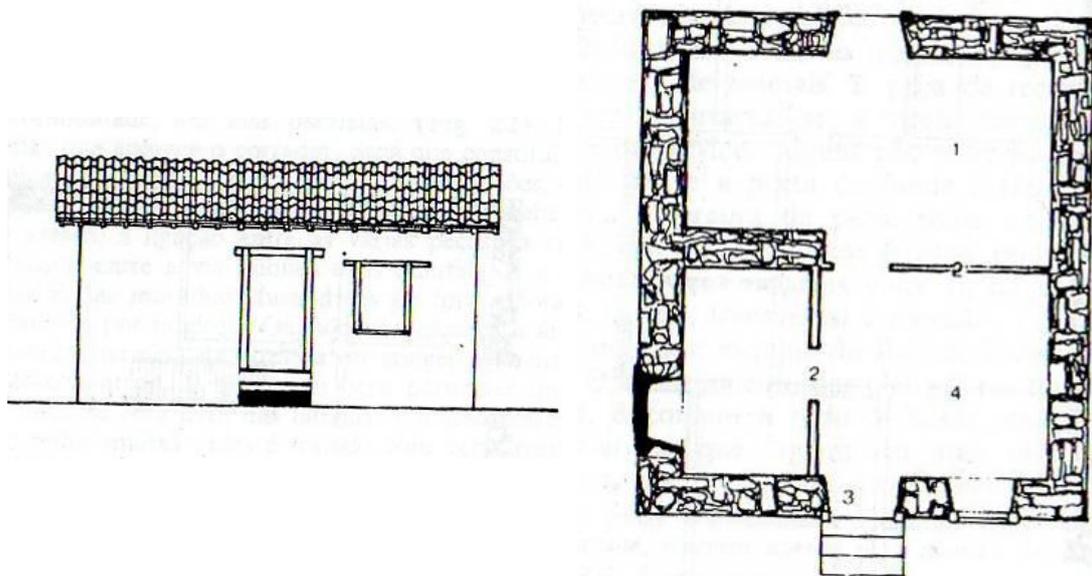


Figura 7 – Exemplo de planta baixa de *casa de morro* já possuindo maior divisão dos cômodos, devido às necessidades de moradia.  
 Fonte: VASCONCELLOS, 1977, Pág 129.

Conseqüentemente, surgem casas mais amplas, de plantas mais complexas devido à sua dupla função urbana e rural, possuindo um número maior de peças. Conhecidas como *casas de arrebalde* ou *rurais*, nota-se também a presença de uma varanda frontal, sendo

bastante semelhantes com as casas rurais de São Paulo do século XVII. Não sendo tão comuns quanto as casas térreas ou os sobrados, podemos citar como exemplo desse tipo de construção, a Fazenda do Manso, em Ouro Preto (Fig.8). Também encontramos em Vila Rica, casas que, pode-se dizer, copiam as de morros, as *casas urbanas térreas* (Fig.9), caracterizadas por possuírem uma distribuição dos cômodos em profundidade, ou seja, lotes “compridos” em direção ao fundo, tendo-se assim o uso mais comum do corredor, que passa a ser uma peça integrante da dinâmica das plantas das edificações então, além do tipo de construção mais comum, do qual não poderíamos deixar de falar, os *sobrados*.

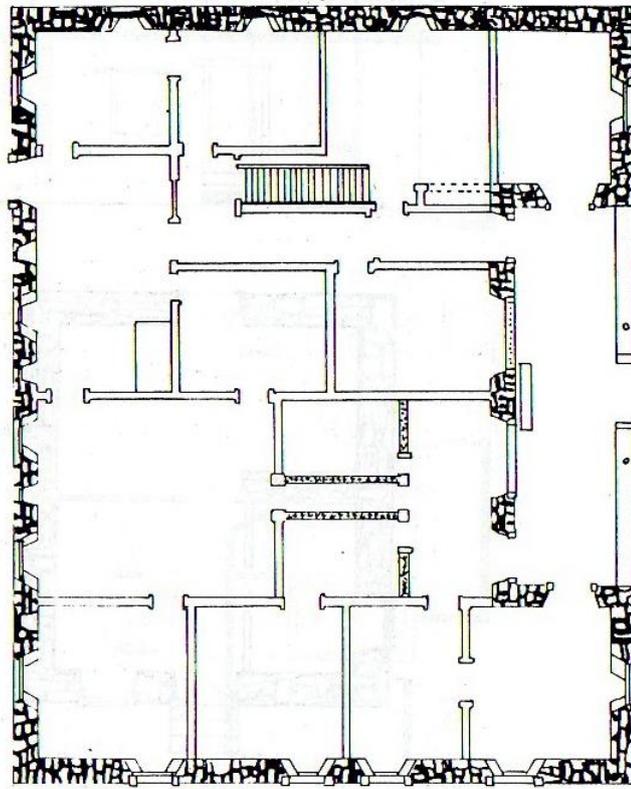


Figura 8 – Planta baixa da Fazenda do Manso, em Ouro Preto, importante exemplar de *casa de arrebalde*.  
 Fonte: VASCONCELLOS, 1977, Pág 129.

Tendo em vista não só a melhor utilização dos lotes como também o caráter de maior importância de que se revestiam na época, como acentuam Vauthier e Gilberto Freire ostentando a abundância e a posição social de seu proprietário, as classes mais elevadas da população não dispensam o sobrado, ainda que não decorra de simples aproveitamento de simples desníveis dos lotes (VASCONCELLOS, 1977. p.140).

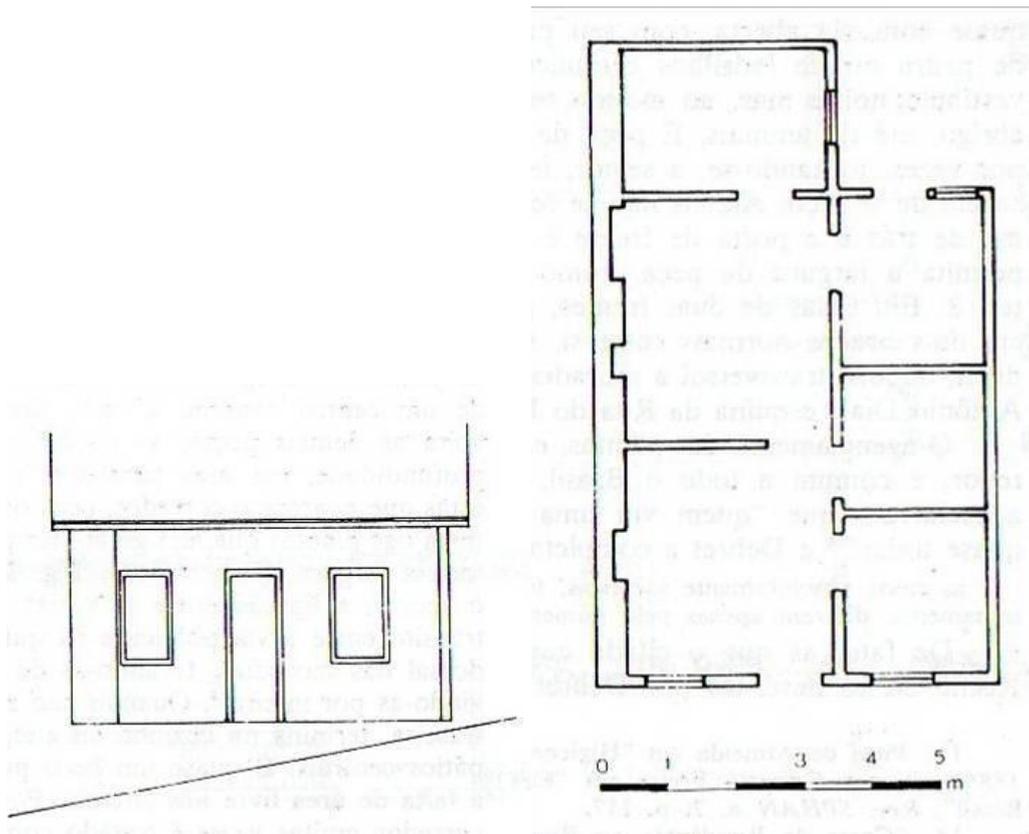


Figura 9 – Fachada e planta baixa que exemplificam *casas urbanas térreas*.

Fonte: VASCONCELLOS, 1977, Pág 129.

Aos poucos, vão se duplicando os pavimentos, na construção propriamente dita de sobrados ou nas adaptações das casas térreas já existentes, sendo o andar inferior ou térreo raramente utilizado para moradia, mas sim para comércio, depósitos ou senzalas, a exemplo de Ouro Preto (Fig.10). Os terceiros pavimentos encontrados aqui, havendo exceções de edificações mais recentes, são apenas fruto de aproveitamento de desvãos da cobertura, com presença de águas-furtadas ou clara-bóias, ou seja, ampliações de moradia devido à ausência de adequados espaços horizontais. Assim, o sobrado é o tipo de construção que mais se valeram de novidades, como o surgimento de balcões e sacadas<sup>13</sup> compondo a fachada principal e protegendo as janelas, agora rasgadas por inteiro.

<sup>13</sup> A tradição mineira, esclarecendo a sinonímia desses termos, entende por “varanda” a peça aberta apoiada, cuja cobertura se faz em prolongamento da principal da casa, em contraposição aos alpendres que se cobrem por telhado próprio, em geral com tacaniça ou copiar que também dá nome à peça. “Balcão” são as peças abertas em balanço que, quando diminutos, chama-se também “sacadas”. “Terraços” são as peças descobertas. Por varandas ainda são designadas as balaustradas, sejam de parapeito, de bandeiras, de platibandas, etc (VASCONCELLOS, 1977. p.148).

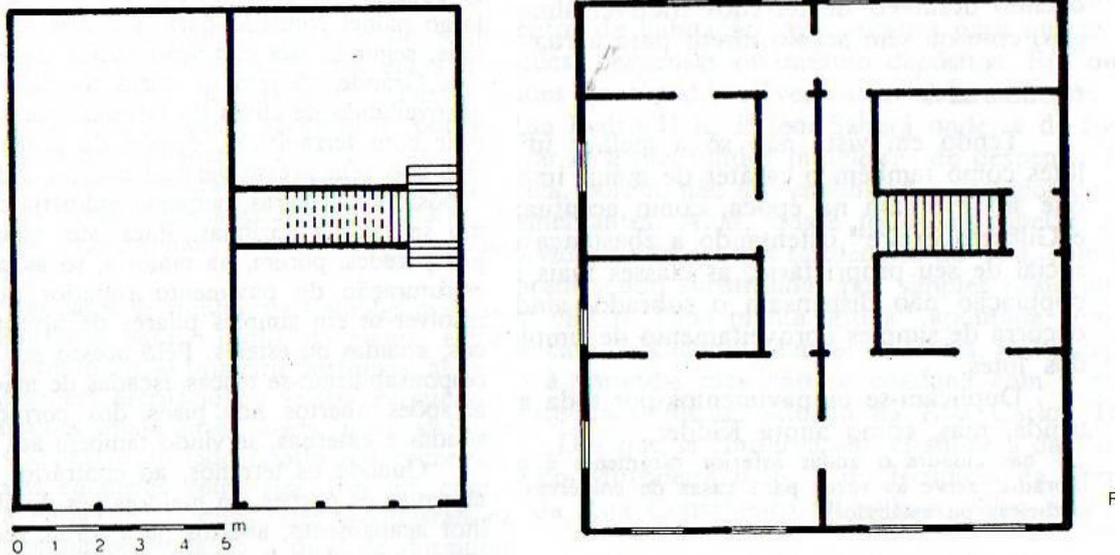


Figura 10 – Planta baixa, pavimentos térreo e superior, que exemplificam *sobrados*.  
 Fonte: VASCONCELLOS, 1977, Pág 143.

Ouro Preto também é bastante conhecido por suas casas geminadas, fato que deixa todos intrigados, mas tem seus porquês, “em primeiro lugar, a necessidade de se comprimir em um espaço estreito, para poder mais facilmente cercar-se de linhas de defesas naturais ou fictícias, pouco desenvolvidas e mais fáceis de manter” (VAUTHIER, 1975. p.35), como também “a ausência, na época (...), de circulação considerável, bem como o emprego extremamente limitado de veículos de transporte” (VAUTHIER, 1975. p.35). O fato das plantas alongadas, apesar de perder em largura, se ganha em variedade de disposição dos cômodos, pois tais residências são geralmente “pequenas” pela fachada, porém bastante espaçosas no seu interior.

Nota-se, portanto, que as diversas maneiras de se construir, típicas do século XVIII são abundantemente encontradas em Minas Gerais ainda hoje, principalmente em Ouro Preto, além de Mariana, Sabará e Diamantina. Adobe, taipa-de-pilão, pedra e cal e pau-a-pique (também conhecido como barro-de-mão, taipa de sebe ou taipa-de-mão) são os mais comuns, mas é provável que também existam aqui exemplares de construções coloniais feitas de tijolo maciço, juntamente com outros materiais.

O tijolo empregado na construção continuaria na segunda metade do século XIX, segundo Paulo Freitas, não só de “má qualidade” como “mal feito”, “provindo este resultado não somente da má preparação do barro, que nem sempre é lavado ou expurgado de certas substâncias estranhas, prejudiciais às construções, como de os

fabricantes empregarem freqüentemente na confecção da pasta a areia que, além de não ser conveniente e necessária, não é escrupulosamente escolhida, pois quase sempre a extraem do mar”. (VAUTHIER, 1975. p.16)

Nas construções mais comuns, temos o próprio tijolo dando forma aos vãos das portas e janelas, sendo a pedra encontrada apenas nas soleiras, mas é provável que também se use madeira para tal fim, com menor freqüência. Já nas construções mais nobres e rebuscadas encontraremos com certeza a pedra empregada na forma dos vãos, em soleiras, ombreiras, vergas e peitoris, realizadas sob medida com encaixe nas alvenarias.

Com a chegada do século XIX, que marcou definitivamente a Vila, ocorreram inúmeras transformações.

Por um lado, encontrava-se instalado um quadro sócio-econômico alarmante devido à decadência da exploração do ouro, já anunciada na segunda metade do século XVIII. Simultaneamente, à medida que novas condições materiais se impunham, Vila Rica submetia-se também aos desafios da modernização, impetrados especialmente com a presença da corte imperial portuguesa no Brasil. A antiga vila, então sede da capitania, foi promovida à condição de capital da Província de Minas Gerais, definindo uma nova fase na sua história. Em 1823, a vila foi elevada à categoria de cidade, tornando-se a Imperial Cidade de Ouro Preto, o que coincidiu com inúmeras transformações sócio-econômicas e urbanas já efetivadas e ocasionou outras tantas novas. (LEMOS, MARTINS, BOIS, 2006. p.4)

Apesar de não se notar uma mudança drástica no âmbito da produção arquitetônica, passaram a ser empregados novos materiais e novas técnicas, além dos detalhes estéticos, em destaque no ecletismo que, dessa forma se caracterizou por uma racionalidade técnica, inovando em fachadas e layouts. Utilizando ainda sim materiais e técnicas tradicionais, juntamente com as novidades, conseguiu-se como resultado uma arquitetura singular, até então nunca antes observada. “Se, por um lado, Ouro Preto mantinha-se preservada enquanto desenho urbano, sua estratégia de localização ratificou-se e valorizou-se na segunda metade do século XIX” (LEMOS, MARTINS, BOIS, 2006. p.9). As melhorias urbanas realizadas, somadas às mudanças nas edificações propriamente ditas, como volume e detalhes, foram significantes e contribuíram para a modernização do conjunto existente. A arquitetura particular, tanto residencial quanto comercial, foi aos poucos incorporando as novidades, e esse fato se intensificou principalmente com a chegada da ferrovia, a partir de 1880, responsável por realizar uma grande modificação na relação entre espaço e tempo, pelo fato de inovar em um intercâmbio de idéias e transporte mais ágil de produtos.

Ao lado disso, concorreu para a transformação da aparência das cidades, facilitando a chegada de materiais, como o tijolo, o ferro fundido e a louça, e de concepções técnicas. (...) Concepções arquitetônicas que preconizavam o conforto, a higiene e novos desafios estéticos reinstalaram o sentido de morar na Capital e deram início a um percurso modernizante, que se traduziu na ampliação da altura das edificações, tanto das de um pavimento quanto dos sobrados. (LEMOS, MARTINS, BOIS, 2006. p.9).

Logo, o número de sobrados aumentou significativamente na área central da cidade, devido à insuficiência dos terrenos e adoção de novos materiais e novas maneiras de se construir que haviam se popularizado. Essa modernização fez com que o predomínio dos cheios sobre vazios observado até então nas edificações fosse se modificando. “A cidade de pau-a-pique começa a dar lugar à cidade em tijolo, cujo emprego tende a se generalizar. As paredes irregulares se aprumam, o reboco torna-se mais uniforme, por vezes desenhado em baixo relevo” (SALGUEIRO, 1996. p.138).

Nesse contexto, as fachadas sofriam mudanças, havendo uma verticalização dos vãos das janelas, ganhando mais destaque, tanto em quantidade quanto em altura. Geralmente, as janelas possuíam fechamento em guilhotina e caixilhos de vidro com folhas cegas de madeira protegendo internamente o vão. Já a “porta-sacada”, que divergia dos tipos mais comuns pela presença de um singelo balcão, notou-se mais presente nas construções do fim do século XIX, assim como a “‘porta rasgada por inteiro’, formada, como a anterior, de três partes principais: a bandeira em madeira almofadada ou em vidro, o ‘postigo sobreposto’ em vidro, com chassi em madeira, e a base também em vidro ou madeira almofadada” (LEMOS, MARTINS, BOIS, 2006. p.9). A crescente utilização do vidro nos vãos valorizou-os em questão de novas técnicas e decoração. O balcão e guarda-corpo, já comuns no período colonial, eram utilizados muito mais com a função de auxiliar na iluminação e ventilação do cômodo em questão, além de valorizar o imóvel, principalmente. Encontrados tanto em edifícios públicos e religiosos quanto particulares, representam verdadeiros exemplares de modernização durante tal século. Nos sobrados mais nobres, com mais requintes estéticos, os guarda-corpos possuíam desenhos artísticos, arrematados em ferro, recebendo cada vez mais adornos complementando a ornamentação das fachadas.

Principalmente após a mudança da Capital, a paisagem cultural ouro-pretana passou a registrar uma arquitetura cuja linguagem refletia um ecletismo menos provinciano e mais cosmopolita. Centros como Rio de Janeiro, São Paulo e, posteriormente, a nova capital mineira encarregaram-se de divulgar as experiências estéticas e a necessidade de renovações e regenerações urbanas, todas inseridas no espírito republicano (LEMOS, MARTINS, BOIS, 2006. p.10).

Contudo, observou-se que a modernização esteve mais presente inicialmente nas construções arquitetônicas de valor cotidiano, pois esta permitia maior liberdade de produção, na qual se buscava resultados diferentes da tradicional uniformidade encontrada até o século anterior, porém, ainda assim a arquitetura ouro-pretana recuperou várias experiências de um passado há pouco acontecido. A criatividade, a versatilidade e a originalidade, além das competências artísticas dos artífices e artesãos, foram essenciais na criação do cenário arquitetônico. “Os valores e tradições da sociedade em relação à arquitetura deram forma e soluções técnicas às conjunturas históricas que ambientaram a produção de bens simbólicos” (LEMOS, MARTINS, BOIS, 2006. p.10).

Assim sendo, a arquitetura dos séculos XVIII e XIX, vista como bens únicos que simbolizam o cotidiano e a cultura das sociedades em questão, expressam materialmente o contexto histórico existente, claramente representado nos edifícios produzidos nesse período, no que diz respeito à ligação do modo de se construir e materiais mais utilizados com o desenvolvimento sócio-econômico da sociedade. Logo, “os processos de interação e formas específicas propiciaram, no caso da arquitetura e da cidade, diferentes formas de interlocução entre os agenciamentos externos e internos” (LEMOS, MARTINS, BOIS, 2006. p.11), fazendo com que a produção de bens representasse uma sintetização de toda a história da cidade, contando um pouco do passado através do que restou e ainda hoje está diante de nossos olhos.

#### 4. Vãos – Técnicas e Materiais

As fachadas são elementos importantes na caracterização das casas brasileiras, principalmente dos séculos XVIII e XIX, onde a relação entre seus cheios e vazios e as formas propriamente ditas de suas esquadrias ganham destaque. Os diversos tipos de portas e janelas encontrados nas edificações tradicionais de Minas Gerais possuem grandes significados quando falamos de evolução da arquitetura de tais épocas.

O uso de novos materiais e novas tecnologias nas construções influenciou diretamente nas mudanças observadas nas fachadas ao longo dos anos, entre o colonial e o eclético. “Logo que vão surgindo os arraiais, logo que vão se estabilizando as povoações, que vão sendo levantadas as moradias mais permanentes” (MENEZES, 1975. p.5), vão aparecendo os vãos, a princípio poucos, em número e área reduzidos, ganhando ainda pouco destaque devido à predominância dos panos cheios das paredes. Já na metade do século XVIII, passa-se a ter uma liberdade maior no modo de se construir, resultando assim numa redução de pano entre os vãos, até se chegar às janelas e portas geminadas, cuja ombreira<sup>14</sup> é comum aos dois vãos. Tais quadros geminados podem ser de diversos tipos, como, por exemplo, porta-janela, janela-janela, porta-janela-porta-janela (Fig.11 e 12), estes comumente encontrados em nossa região, feitos dessa forma, de certo para economia de material, caro e difícil de encontrar, como também pela evolução das técnicas construtivas devido às necessidades crescentes da população.



Figura 11 – Exemplos de vãos geminados em Ouro Preto, Rua Conde de Bobadela (Rua Direita) e Rua do Pilar.  
Fotos: Giordana Silva, 2010.

<sup>14</sup> Ombreira: cada uma das peças verticais de portas e janelas responsáveis pela sustentação das vergas superiores.



Figura 12 – Curioso exemplar de vãos geminados encontrado na Rua Alvarenga.  
Fotos: Giordana Silva, 2010.

As janelas são importantes “elementos arquitetônicos, cuja primordial função é a iluminação e ventilação dos cômodos. Porém, não se limitam apenas a esta função, constituindo-se, pelo seu emprego adequado, em elementos decorativos das fachadas” (Fig.13) (MENEZES, 1975. p.59). Como observa Vauthier (1975. p.57), engenheiro e arquiteto francês, em passagem pelo Brasil entre 1840 e 1846:

Quanto às esquadrias, não há grande coisa a dizer sobre o modo por que são feitas. As que se abrem de alto a baixo são mais ou menos iguais às de toda parte. A única diferença é que a imaginação dos artistas se exerce com prazer sobre os meios de variar as formas dos caixilhos das bandeiras de que são providas.



Figura 13 – Exemplo de janelas singulares na Rua Conde de Bobadela (Rua Direita).  
Fotos: Giordana Silva, 2010.

#### 4.1. Tipos

As primeiras janelas, mais simples, pertencentes às casas setecentistas, eram as pequenas *janelas de peitoril*, geralmente encontradas nas fachadas dos andares térreos, assim como as *janelas de parapeito*, que se abriam para uma sacada própria ou possuíam o parapeito entalado, sendo geralmente altas, em andares superiores (Fig.14). Comumente fechadas por folhas simples de tábuas, de junta seca ou encaixe, ou folhas mais rocas, que são engradadas, onde se observa painéis preenchidos por almofadas, às vezes móveis, salientes pelo lado externo, mas normalmente rebaixadas pelo lado interno. “Os painéis almofadados nunca se sucedem iguais na mesma esquadria, mas alternam-se sempre, maiores e menores, postos ao alto ou ao largo, retângulos, quadrados e losangos, para evitar a monotonia da repetição” (VASCONCELLOS, 1977. p.156).

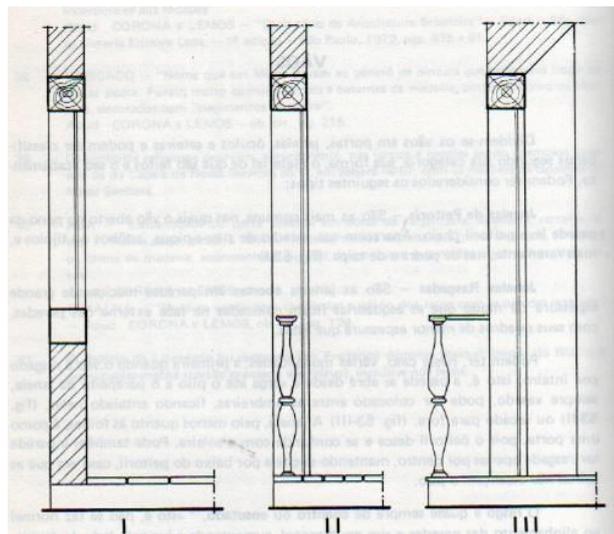


Figura 14 – Tipos de janelas: I – Janela de peitoril; II – Janela com o parapeito entalado; III – Janela com o parapeito sacado.

Fonte: VASCONCELLOS, 1979. p.98.

Nos sobrados, que se erguem sobre casas originalmente térreas, pela metade do século XVIII, notam-se claramente definidas as épocas de construção, pois, geralmente, o primeiro pavimento (térreo, no caso) possui estruturas de pedra e vergas retas, proporções e elementos mais rústicos. Já nos pavimentos superiores, predominam claramente a verticalidade, janelas com folhas mais estreitas e compridas, além de maior tratamento em seus detalhes decorativos, passando assim a ser mais popular o uso das janelas com sacada, ou

seja, as *janelas de parapeito* ou *janelas-de-púlpito*, já citadas anteriormente (Fig.15).

A tendência vertical, condicionada pelos sobrados, continua porém a evidenciar-se, rasgando-se então as janelas até piso, protegidas por parapeitos torneados, a princípio bojudos, freqüentemente com duplos pais de peito e suportados por bacias que se estruturam sobre os barrotes, prolongados, do soalho, ou se constituem em soleiras sacadas de pedra (VASCONCELLOS, 1977. p.186).

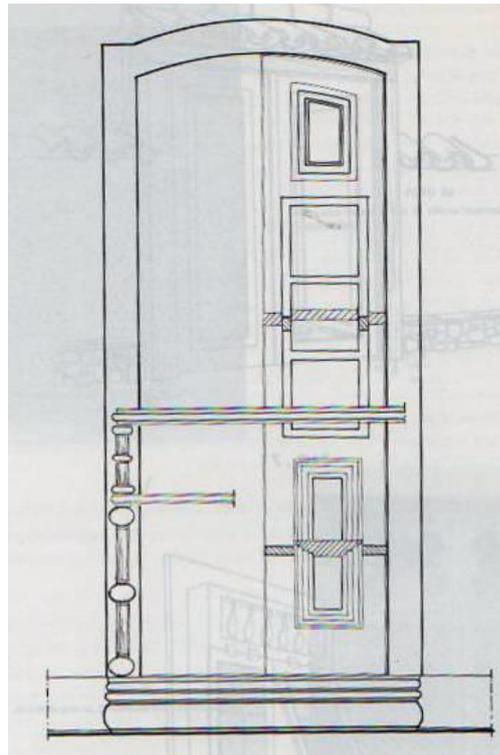


Figura 15 – Janela típica de andar superior, com parapeito sacado e folhas com almofadas e postigo.

Foto: VASCONCELLOS, 1979. p.123.

Logo, a harmonia passa a ganhar mais importância, resultando na correspondência dos vãos, que se abrem os superiores exatamente na mesma direção vertical dos inferiores, dando maior simetria entre os cheios e vazios. Tal regra só era desprezada no caso de adaptações a comércios e outros, quando se tinha a necessidade de substituição de janelas por portas e vice-versa, assim como abertura de maiores vãos. Acompanhando essa tendência, o melhor acabamento das fachadas passou a ser comum, fazendo-se uso de “sistemas construtivos mais evoluídos e maior conhecimento dos padrões artísticos teóricos” (VASCONCELLOS, 1977. p.187).

Devido à falta de vidro, era comum que as janelas do térreo possuíssem “gradis de balaústres retangulares de madeira dispostos em quina” (SMITH, 1975. p.172), desde o século

XVII. Assim, sendo ainda raro o uso do vidro em Minas Gerais, as janelas começaram a ser feitas com peças dos mesmos ocupando pequenos caixilhos sobre os postigos<sup>15</sup>, comumente do tipo *portas-janela* à francesa<sup>16</sup>, de duas folhas de abrir para dentro, encontradas em casas mais nobres ou edifícios públicos, pois havia a necessidade de “verdadeiras audácias de transporte através de caminhos horríveis e de grandes despesas também” (VASCONCELLOS, 1951. p.144). Mas essas dificuldades não impediram uma grande aplicação desse material nos sobrados e casas-grandes de Minas Gerais e São Paulo. Era muito comum o uso de materiais importados nas construções, principalmente, nesse caso, do vidro, pois não era possível que fosse substituído por outro que desse mesmo resultado.

As primitivas folhas cegas passam a ser assim suplementadas, por pequenos caixilhos de vidro que fecham seus postigos ou duplicadas por novas folhas inteiras, também de vidro, em guilhotinas. Esses caixilhos são sempre subdivididos por pinásios em seis ou oito pequenos retângulos, a princípio menores e mais próximos do quadrado e depois de proporções mais ao alto, em todo caso de dimensões reduzidas em virtude das dificuldades do transporte, e do custo do material, sujeito a substituições frequentes (VASCONCELLOS, 1977. p.160) – (Fig.16).

Em geral, os materiais que compunham as esquadrias eram basicamente madeira, pedra e argamassa. Preferia-se empregar na confecção dos caixilhos e das folhas madeiras de pouco peso, como o *cedro* e posteriormente, o *pinho de riga*, para que facilitasse o movimento das mesmas. Já os quadros de pedra eram fabricados com lancil<sup>17</sup>, em cantaria ou ensilharia, tendo, assim, um visível melhor acabamento, mais empregada em construções mais nobres, onde os donos pretendiam demonstrar maior esmero.

As pedras mais usadas em Minas Gerais, na constituição dos quadros, são as talcozas, mais conhecidas como pedra sabão (algamatolitos e esteatitos) e suas cores variam de acordo com os seus constituintes varietais, como a cinzenta, azul, verde etc., e os arenitos. Apesar de se tratar de pedras macias, fáceis de trabalhar, oferecem boa resistência aos esforços a que são submetidas, não sofrendo como os quartzitos a decomposição pela umidade (MENEZES, 1957. p.18).

Se em Vila Rica, pela rapidez da construção e relativa disponibilidade do material, as edificações a princípio se fizeram de madeira e barro, materiais estes, pouco depois substituídos pela pedra com que se construiu a maioria de suas casas térreas, a seguir, talvez pela dificuldade de mão-de-obra, mais demorada, e mais fácil transporte para as matas distantes, é a técnica do pau-a-pique de novo preferida principalmente por mais leve, nos sobrados (VASCONCELLOS, 1977. p.185).

<sup>15</sup> Postigo: pequena abertura ou fresta. Pequeno vão feito à meia altura de uma parede que permite a passagem de objetos de uma divisão para outra. Portinhola aberta sobre a folha de uma porta maior.

<sup>16</sup> Porta ou janela de uma ou duas folhas, que abrem para o interior, girando por meio de dobradiças sobre um eixo vertical, situado ao longo dos montantes da esquadria e da folha.

<sup>17</sup> Lancil: Pedra de cantaria, longa e estreita, que serve para peitoris, vergas de janelas, etc.

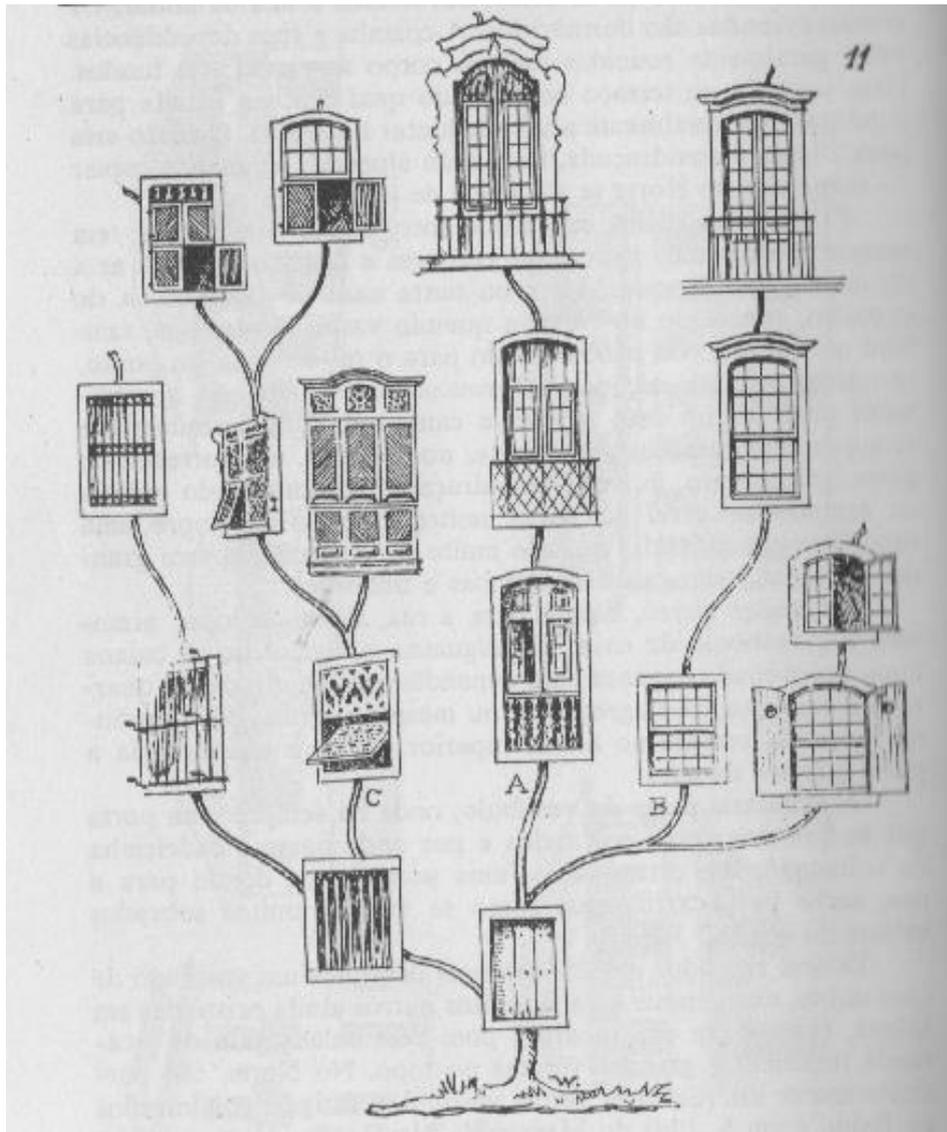


Figura 16 – Evolução das tipologias das janelas ao longo do século XVIII.

Fonte: RODRIGUES, 1975. p.298.

Em paredes de pau-a-pique, as janelas apresentam-se geralmente enquadradas pelas ombreiras, verga e peitoril, apilaradas. Nas paredes mais espessas, as janelas são rasgadas pela parte de dentro, formando o largo-do-vão, que reduz a grossura da parede, resultando assim na janela de peito, possuindo um elemento bastante conhecido, as *conversadeiras*.

Na segunda metade do século XVIII surge a utilização do ferro, “material este que, presente desde as descobertas, nos instrumentos de mineração, no movimento e fixação das esquadrias, nos arreios e armas” (VASCONCELLOS, 1977. p.190), agora passava a

incrementar as grades das janelas (Fig.17, 18 e 19), juntamente com o vidro, sendo já considerados elementos arquitetônicos. Assim, os guarda-corpos de madeira, que se deterioravam mais facilmente pela ação de intempéries, vão sendo substituídos por tais grades.

(...) a princípio de ferro batido, de balaústres simples ou de desenhos repetidos, como aparecem no Palácio e na Casa de Câmara e Cadeia. (...) Mais tarde prefere-se o ferro laminado, de secção quadrada ou em fita, fazendo-se as uniões com luvas de chumbo, ou braçadeiras no próprio laminado, não se desprezando, todavia, de vez, os rebites (VASCONCELLOS, 1977. p.190).



Figura 17 – Diversos tipos de sacadas de ferro encontradas na Rua Conde de Bobadela (Rua Direita) e Rua Paraná, em Ouro Preto.

Fotos: Giordana Silva, 2010.

Geralmente, duas faixas estreitas limitam superior e inferiormente o guarda-corpo, apresentando em seu vão SS ou gregas, enquanto o pano maior se sucede em unidades iguais, simples retângulos de cantos arredondados ou terminados em volutas, apresentando mais tarde motivos centrais, como sejam liras, setas cruzadas, etc (MENEZES, 1957. p.65).



Figura 18 – Exemplar raro de sacada com dizeres, na Praça Tiradentes, em Ouro Preto.  
Foto: Giordana Silva, 2010.

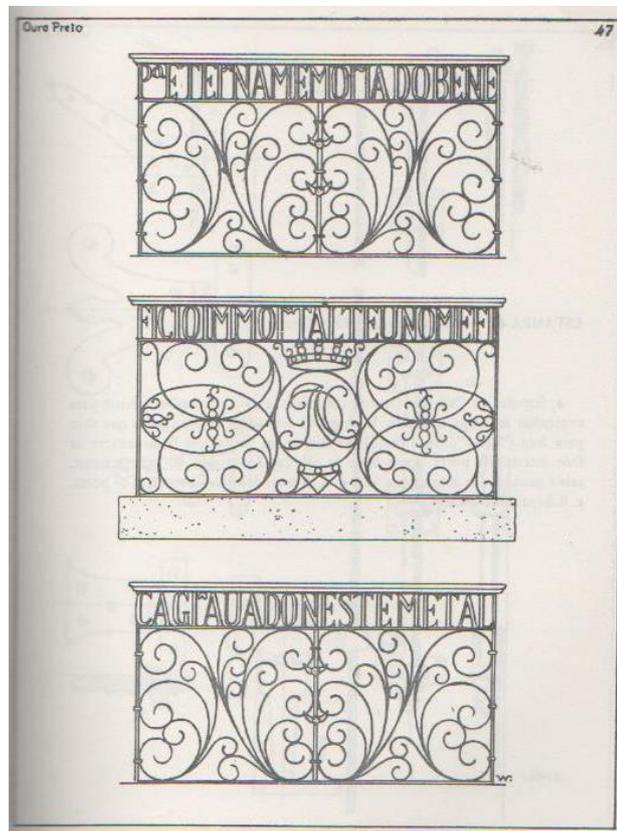


Figura 19 – Em destaque, o desenho das sacadas das janelas mostradas na figura anterior.  
Fonte: RODRIGUES, 1979. p.100-101<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> “São notáveis pelo desenho de seus ferros; pelo monograma coroado da sacada central, e pelo dístico em letras de bronze repartido entre as três sacadas: PARA ETERNA MEMÓRIA DO BENE/FÍCIO IMMORTAL TEU NOME FI/CA GRAVADO NESNTE METAL. Este dístico representa uma homenagem ao último governador da capitania de Minas Gerais, D. Manuel de Portugal e Castro (1814 - 1822)”.

## 4.2. Vergas e Ombreiras

A princípio, nas construções mais rústicas, como as *casas de morros*, devido à falta de técnicas mais apuradas, de preocupação estética e a pressa em se construir, encontravam-se janelas de *verga de nível* ou *reta*, constituídas de uma peça de madeira ou pedra simples, apoiada nas ombreiras, sem *caixilhos*<sup>19</sup> nem *rótulas*<sup>20</sup>, fechadas apenas pelo *escuro*, ou seja, as folhas de madeira (Fig.20), comumente observadas ainda hoje em casas de população mais pobre ou rural. Esse é o tipo de janelas mais simples, geralmente produzidas inteiramente com o mesmo material e sem nenhum tipo de elemento decorativo, sendo que, quando a alvenaria presente era taipa de sebe ou de adobe, as ombreiras prolongavam-se do baldrame até o frechal. São encontradas, também, em residências de fachadas simples com paredes de pedra ou pau-a-pique.



Figura 20 – Exemplos de janelas simples de verga reta encontrados em Ouro Preto.  
Fotos: Giordana Silva, 2010.

Estas janelas, aos poucos, receberam a *rótula* e os *caixilhos* com vidro, além do fechamento por *gelosias*, folhas que já eram comumente usadas, abertas em torno de eixos verticais, que não se extinguiu. Tal tipologia é, provavelmente, a mais encontrada em Ouro Preto em construções da primeira metade do século XVIII. Ainda constituídas por peça simples de madeira ou pedra apoiada nas ombreiras, receberam mais elementos, como as

<sup>19</sup> Caixilho: Parte da esquadria que sustenta e sustenta os vidros de portas e janelas.

<sup>20</sup> Rótula: Espécie de folha, geralmente de madeira, podendo ser dupla ou não, aberta em torno do eixo horizontal de sua parte superior.

folhas de guilhotina, que ficam entaladas nas *aduelas*<sup>21</sup> dos vãos, correndo verticalmente,

marcadas por guieiros, podendo manter-se suspensas por pequenas ferragens, denominadas borboletas. Devendo ser levantadas à fôrça, são construídas com madeiras leves, apresentando-se em secções mínimas, com pinásios delicadíssimos, acentuados ainda pelos recortes terminados em delicada luz, além de possuírem maior recuo que o engradamento (MENEZES, 1957. p.47),

assim como as rôtulas e as venezianas, que faziam as vezes dos caixilhos ou das folhas (ficando, nesse caso, externamente), mas eram feitos inteiramente de madeira. Estas possuíam uma grade de pequenas tiras do mesmo material, cruzadas diagonalmente, no caso das rôtulas, e horizontalmente, no caso das venezianas (Fig.21). Assim, podemos observar diversas combinações nas fachadas ouro-pretanas – as guilhotinas geralmente com seis ou oito caixilhos, as folhas duplas e as rôtulas formando diferentes desenhos.



Figura 21 – Diversos exemplares de janelas de verga reta em Ouro Preto, com presença de venezianas e rôtulas.  
Fotos: Giordana Silva, 2010.

<sup>21</sup> Aduela: Tábua que forra o vão da ombreira das portas.

A vidraça já é citada entre nós em documentos dos fins do século XVI. No século seguinte, com a vulgarização do vidro, acrescentam-se caixilhos aos postigos, ou se abrem no *escuro* frestas que vão receber caixilhos sobrepostos com dois ou três vidros cada um. O processo formou estilo, tanto no Brasil como em Portugal, os *escuros* passaram a ser feitos com caixilhos salientes, como ainda vemos na Bahia; no século XVIII, esse pormenor se fazia notar na Casa dos Contos, em igrejas e em numerosíssimas casas por todo o país. Entretanto, a esse tempo certas janelas já eram abertas em novas linhas leves e elegantes, para receber dez ou doze vidros em cada folha; ou a janela de guilhotina (RODRIGUES, 1975. p.304).

No Brasil, as vidraças entraram em uso mais extenso na última década do século XVIII e até o fim do período colonial (SMITH, 1975. p.176).

Logo, devido a uma maior liberdade em se construir na colônia, nota-se certa verticalização, as casas alongam-se, passando a ter maiores fachadas e maior número de vãos, passando os cheios equivalerem a duas vezes os vazios em proporção, enriquecendo-se no acabamento, no que diz respeito às folhas, que mesmo que únicas, compõem-se de almofadas.

“Folhas de vidro de abrir aparecem no século XIX, inteiras ou com partes em venezianas. Temos, ainda, as bandeiras de porta e janela, fixas ou móveis, basculantes em torno de um eixo horizontal” (VASCONCELLOS, 1979. p.131). Em algumas regiões, pode ser que encontremos a mica (malacacheta) no lugar do vidro, mas é raro. Os caixilhos, antes subdivididos em pequenos retângulos ou quadrados, agora passam a possuir formas mais rebuscadas, resultando em desenhos, principalmente nas bandeiras ou partes altas das folhas. Portanto, em Vila Rica, nota-se que as rótulas perduraram até o começo do século atual, sendo substituídas por necessidade de troca ou para o uso de elementos mais novos, como as folhas de vidro de abrir.

Já as *vergas alteadas* (Fig.22 e 23), que necessitavam de melhor técnica em sua produção, eram empregadas mais comumente em casas mais bem tratadas, isso já no período áureo. “As mais antigas são de arco de círculo, porém, não pleno, com centro mais baixo que seus limites” (VASCONCELLOS, 1979. p.107). A verga apóia-se encaixando nas ombreiras, fazendo o vão de forma graciosa. Há casos em que as vergas passam bem além das ombreiras, “e sob este prolongamento se inserem relevos paralelos às ombreiras ou esta se faz, por meio de entalhes, dupla ou tripla” (VASCONCELLOS, 1979. p.107).

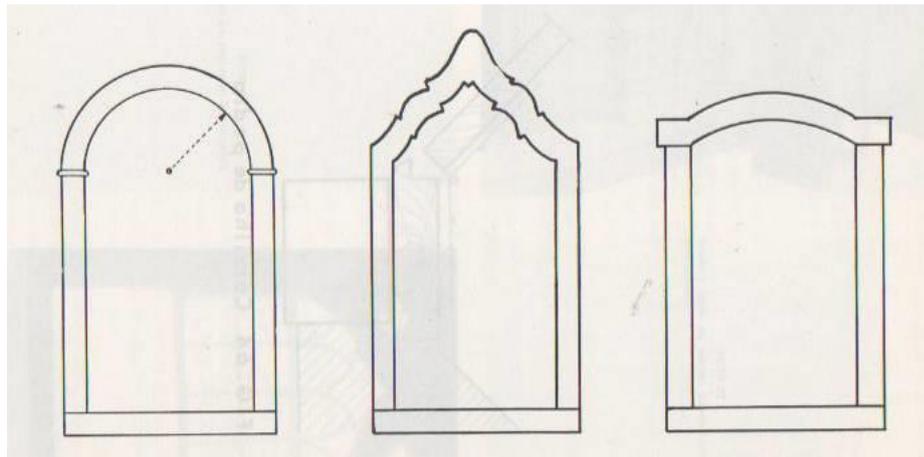


Figura 22 – Tipos mais comuns de vergas alteadas encontradas em Ouro Preto.  
 Fonte: VASCONCELLOS, 1977. p.111.



Figura 23 – Exemplos de janelas com vergas curvas encontradas em Ouro Preto.  
 Fotos: Giordana Silva, 2010.

Tais tipos de vergas “alteavam-se geralmente em curvas, sejam simples (...) ou (...) com curvas de concordância superiormente, que vêm suavizar o choque causado pelo apôio puro e simples da verga curva sôbre a ombreira” (MENEZES, 1957. p.15). Assim, notava-se que, quando as construções não possuíam estruturas independentes, o peso de suas paredes prejudicava suas vergas, vindo a causar-lhes defeitos. Para que não houvesse este tipo de problema, passaram a ser usados os *arcos plenos* (Fig.24) que, embutidos na alvenaria, descarregavam os pesos sobre os panos cheios. No caso de construções de taipa ou pedra, muito comuns em nossa região, fazia-se a armação da padieira<sup>22</sup> na face da parede em madeira.



Figura 24 – Exemplo de janela de verga em arco pleno, com bandeira fixa e guilhotina encontrada em chalé na Rua Conselheiro Quintiliano, em Ouro Preto.  
Foto: Giordana Silva, 2010.

Logo, a tendência a partir do século XIX passa a ser o uso do arco pleno, acompanhados das bandeiras de vidro e caixilhos fixos. Assim, “dimensionando-se os caixilhos em função da altura das ombreiras, quando as vergas se alteiam, preferem-se os superiores fixos para evitar que, baixados, ultrapassem a metade inferior dos vãos” (VASCONCELLOS, 1977. p.160). Aparecem também outros tipos, como a *verga ogival*, que representou uma tentativa do estilo neo-gótico, sendo de dois ou mais centros ou com curvas interrompidas por segmentos retos (Fig.25). “As vergas curvas de ponto rebaixado podem ser em três centros, isto é, aparece um curva de concordância entre o arco e seu apoio na ombreira pelo lado de baixo. Ocorrem, ainda, vergas triangulares formadas por dois segmentos de

<sup>22</sup> Padieira: Peça colocada sobre o vão de uma porta ou janela, de modo a suportar os esforços que aí se geram.

retas” (VASCONCELLOS, 1979. p.107).



Figura 25 – Exemplos de janelas com vergas ogivais encontradas na Rua Conselheiro Quintiliano e Rua Alvarenga.  
Foto: Giordana Silva, 2010.

Nos becos não se permitia o uso dos vãos, nem janelas nem portas, sem a licença do almotacés e das oficinas da Câmara, que funcionavam como uma espécie de inspeção do que era permitido ou não se fazer em relação a obras civis. Já em fachadas, a estética das mesmas passava a ser cada vez mais valorizada (Fig.26), a ponto de haver apego a detalhes como proporção e boa distribuição de seus vãos e elementos, a fim de certa beleza e riqueza em seu acabamento. Assim, a arquitetura local passa a se fundir com a paisagem natural, havendo assim um casamento perfeito entre a topografia local, cores e formas, fazendo da beleza urbana não apenas pertencente aos grandes casarões e igrejas.

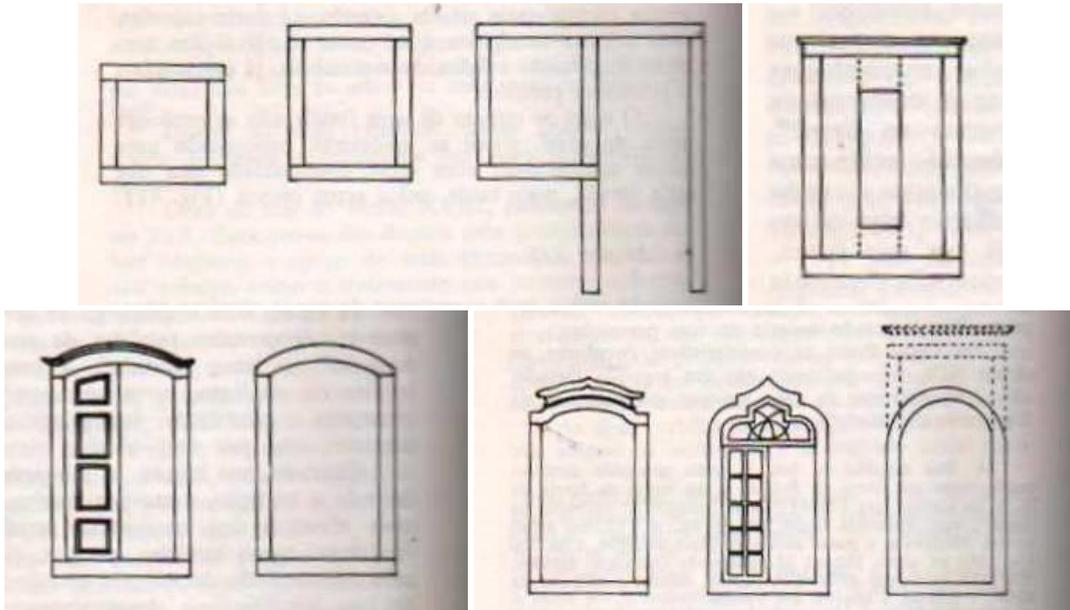


Figura 26 – Evolução dos diversos tipos de janelas encontrados em edificações históricas de Ouro Preto – da verga reta ao arco pleno.

Fonte: VASCONCELLOS, 1977. p.196.

### 4.3. Cores

“Por todo o século XVIII, de acordo com a tradição ibérica, as fachadas são sempre caiadas de branco” (VASCONCELLOS, 1977. p.175), assim como os forros, a cal, a tabatinga, a gesso ou a alvaiade.

As cores aparecem inicialmente protegendo os elementos de madeira, encorpando-se com cola, de peles, nas têmperas com resinas, ou com óleo de linhaça, de mamona, sendo usadas tanto interna quanto externamente, mas ainda primárias, ganhando destaque pelo contraste que faziam com o branco das paredes. “Vermelho carregado”, vermelho sangue-de-boi, amarelo, azul e a cor preferida das casas nobres, o verde eram as mais observadas, “também se usando fingimento de raiz de oliveira, conservando-se os caixilhos envidraçados em cor branca ou finge-se de pedra” (MENEZES, 1957. p.98), sendo que as ferragens são sempre pintadas de preto. Às vezes, havendo combinação de duas cores, como nos portais e folhas, por exemplo, para criar um clima mais “alegre” e dar destaque as formas que ali se encontram.

## 5. Estudo de Caso: Fachadas do Bairro Pilar

### 5.1. O Bairro

O Bairro Pilar faz parte do eixo principal de Ouro Preto, no que diz respeito ao desenvolvimento econômico e evolução populacional e arquitetônica da mesma desde sua descoberta, o que levou o bairro a possuir grande importância e destaque na cidade ainda hoje, além da bela paisagem formada pelo seu conjunto de casarios, em sua maioria coloniais, a exuberante Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar, referência em arte barroca, entre outros monumentos, como a Capela do Nosso Senhor do Bonfim, o Museu de Arte Sacra e os Chafarizes do Pilar e da Glória.

Inserido no Caminho Tronco, assim definido por Sylvio de Vasconcellos, foi a região onde se estabeleceram os primeiros núcleos urbanos de Vila Rica, recebendo inicialmente o nome de Ouro Preto, onde ainda hoje encontramos por suas ruas e becos marcos do início de tal povoamento, como ruínas, chafarizes e capelas, hoje suas matrizes, onde, ao redor das últimas foram construídas suas primeiras edificações. Possuindo grande importância cultural e religiosa para a população, é símbolo de significativas manifestações culturais tradicionais ouro-pretanas como, por exemplo, o “Triunfo Eucarístico<sup>23</sup>”.

O Bairro Pilar é, em sua maioria, residencial, abrigando moradores de famílias tradicionais e de maior poder aquisitivo de Ouro Preto, que possuem casarões localizados principalmente na Rua Antônio de Albuquerque e na Praça Monsenhor Castilho Barbosa. Porém, nota-se uma forte presença do comércio, bastante diversificado, onde encontramos papelarias, bares e restaurantes, lojas de artesanato e outros produtos típicos da região, além de estar localizado ali o Centro de Convenções da Universidade Federal de Ouro Preto, antigo Parque Metalúrgico da Escola de Minas.

---

<sup>23</sup> Solenidade que ocorreu no ano de 1733 para o traslado do Santíssimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário para a nova Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

## 5.2. O inventário

Para construção do inventário, foram selecionados quarenta e três (43) imóveis de um perímetro delimitado previamente, inseridos no entorno da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Fig.27). Registrando-se em fichas, foram obtidas diversas informações de cada uma dessas edificações, através de relatos dos proprietários ou locatários, como provável época de construção, técnicas construtivas presentes, intervenções já sofridas, etc. Além dessas informações, todas as fachadas foram fotografadas como também suas respectivas janelas, que foram levantadas (medidas e desenhadas)<sup>24</sup>.

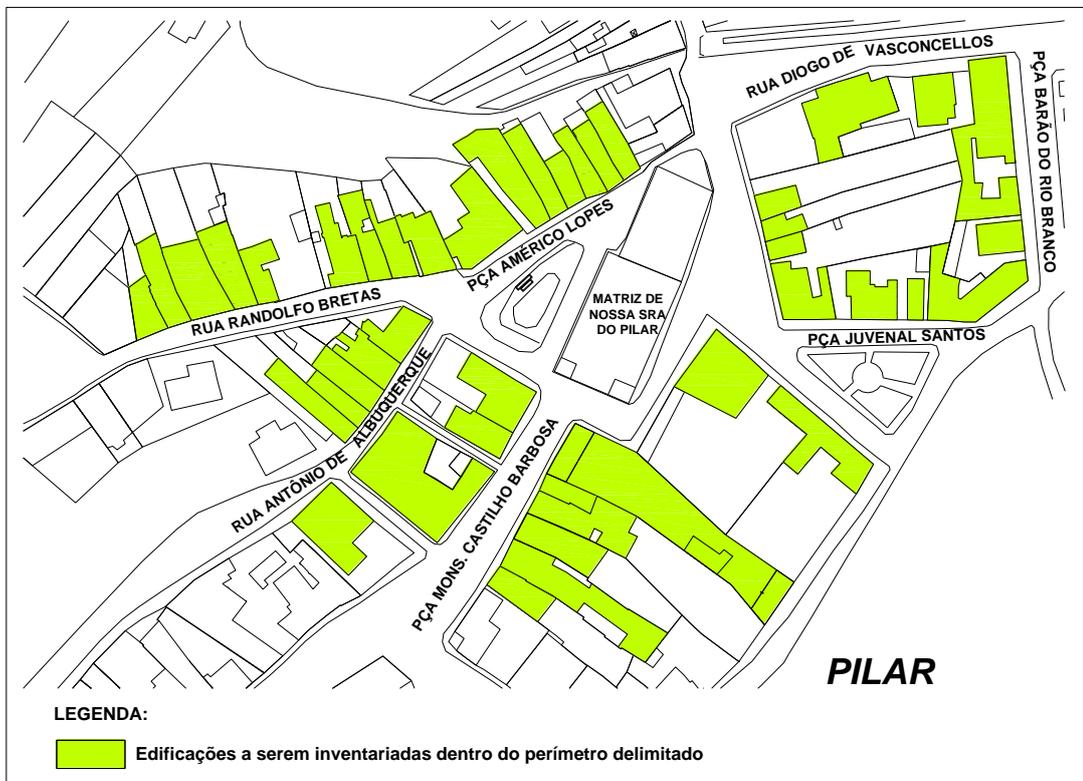


Figura 27 – Mapa da região delimitada para pesquisa no Bairro Pilar.  
 Adaptação de mapa da Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

Diante de todas as informações adquiridas, foram construídos mapas “temáticos”, ou seja, mapas identificando as edificações por suas características como: tipos de janelas, tipos de verga, nº de pavimentos, predominância de cheios e vazios e provável época de

<sup>24</sup> Todas as janelas dos andares térreos foram medidas; já as janelas dos níveis superiores foram desenhadas através de fotos, respeitando-se as devidas proporções.

construção. Após a construção de cada tipo de mapa, foram obtidas as seguintes informações:

Quando tomamos como base os *tipos de janelas* (Fig.28) existentes, temos *janelas de peitoril* e *janelas com parapeito*, sendo estes entalados ou sacados. Assim, observamos que a maioria das edificações possui janela de peitoril, sendo que algumas delas possuem ao mesmo tempo janela de peitoril, nos pavimentos térreos, e janela com parapeito, nos pavimentos superiores. Além disso, nota-se que os poucos exemplares que possuem apenas janelas com parapeito têm janelas somente nos andares superiores.

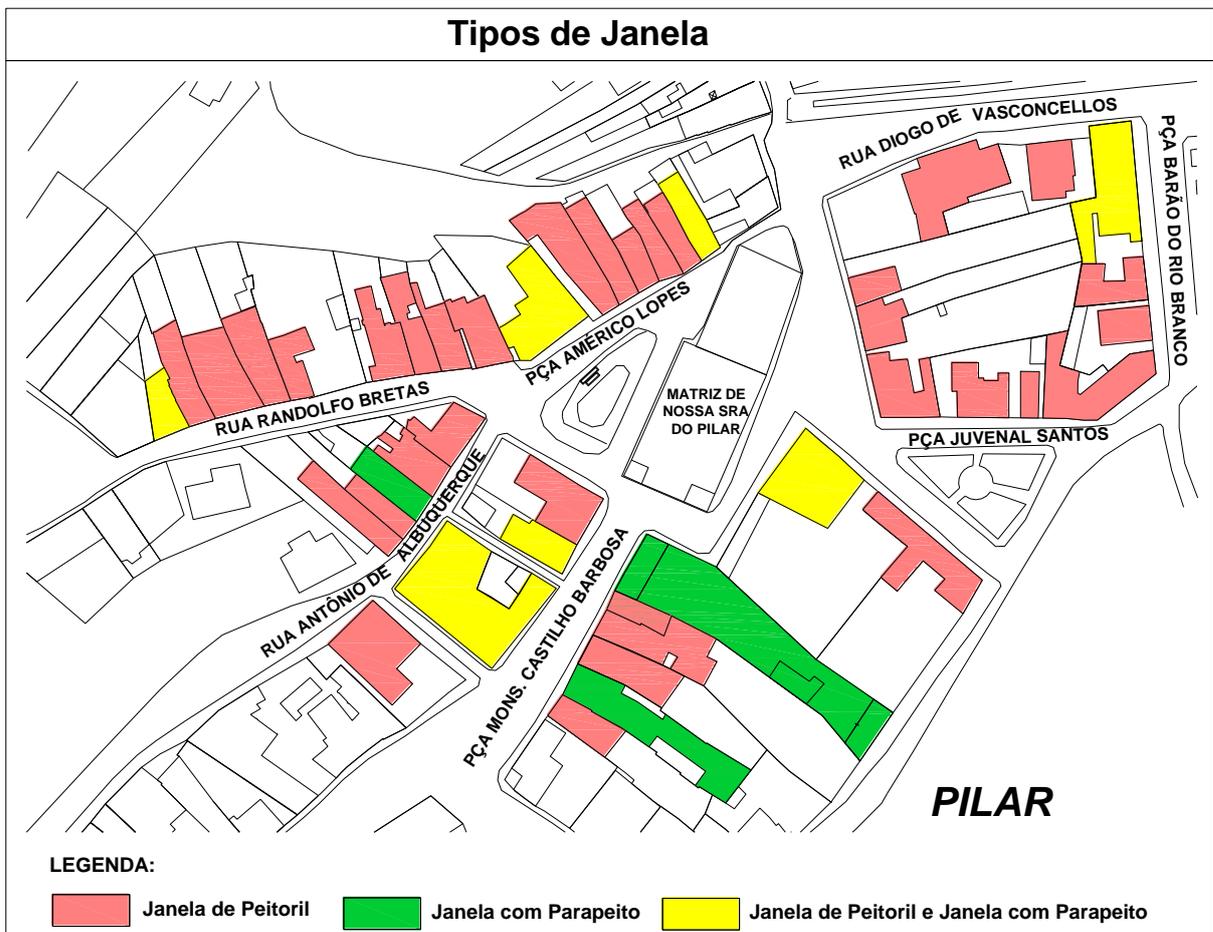


Figura 28 – Mapa que identifica o tipo de janela observado em cada edificação.  
Adaptação de mapa da Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

Quando tomamos por base os *tipos de verga* (Fig.29), encontramos janelas com *verga reta*, *verga curva*, *verga triangular* e *verga em arco pleno*, sendo possível notar-se mais de um tipo presente na mesma fachada. Assim, percebe-se que o tipo de verga mais comum entre a maioria das edificações levantadas é a verga reta, seguido da verga curva, em número

bem menor que o tipo anterior, sendo bastante comum encontrarmos ambos os tipos na mesma fachada. Combina-se também a verga reta com o arco pleno, mesmo que pouco observado. A presença de apenas verga arco pleno ou apenas verga triangular é observada em pouquíssima ocorrência.

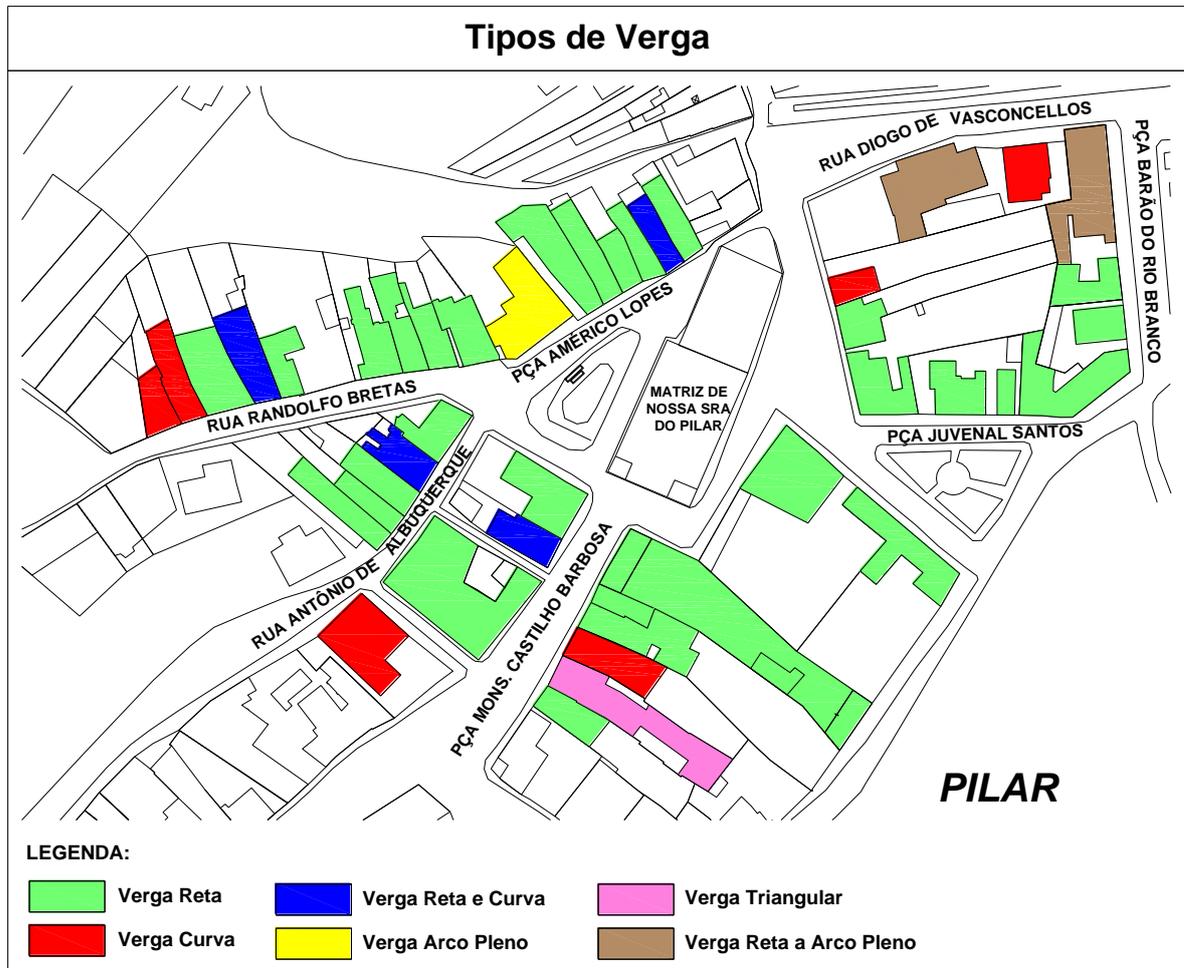


Figura 29 – Mapa que identifica os tipos de verga observados em cada edificação.  
Adaptação de mapa da Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

Já quando tomamos por base o *número de pavimentos* (Fig.30) de cada edificação, observados em relação ao nível da rua, temos imóveis de *um pavimento*, de *dois pavimentos* e até de *três pavimentos*, sendo que a grande maioria é de dois pavimentos, muitos deles possuindo atualmente função comercial. Encontramos também um número significativo de imóveis de pavimento único, que incluem as primeiras edificações da região e as mais recentes. Os exemplares de três pavimentos encontrados são poucos, não causando assim muito impacto na análise.

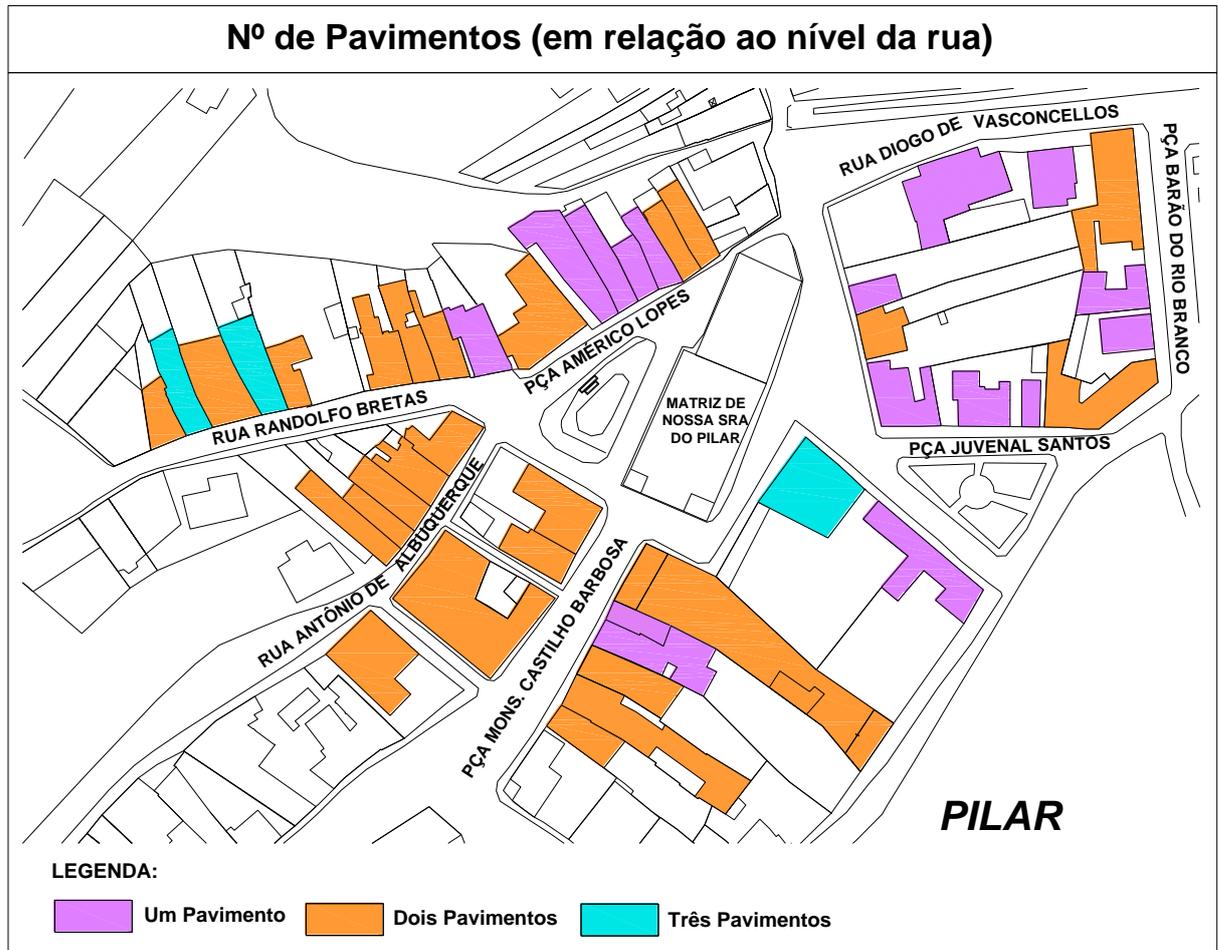


Figura 30 – Mapa que identifica o nº de pavimentos de cada edificação.  
Adaptação de mapa da Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

Quando analisamos *proporção entre cheios e vazios* nas fachadas (Fig.31), ou seja, se há *predominância de panos cheios ou de vazios*, notamos também que ocorre o *equilíbrio entre os dois*, não sendo possível se dizer que há predominância de um ou outro. Assim sendo, observa-se que na maioria das edificações há predominância dos cheios sobre os vazios, mesmo que a uma primeira vista tenha-se a impressão de que os vazios predominam, seja pelo grande número de vãos ou pelo tamanho propriamente dito dos mesmos, que parecem ocupar grande parte da fachada. Logo, observa-se que há um significativo número de edificações nas quais não se sabe qual a predominância, levando-nos a concluir que existe um equilíbrio entre área ocupada por paredes e por vãos. A predominância dos vazios é pouquíssimo observada, havendo assim número reduzido de exemplares.



passado e presente, havendo assim uma harmonia entre as construções das duas épocas.

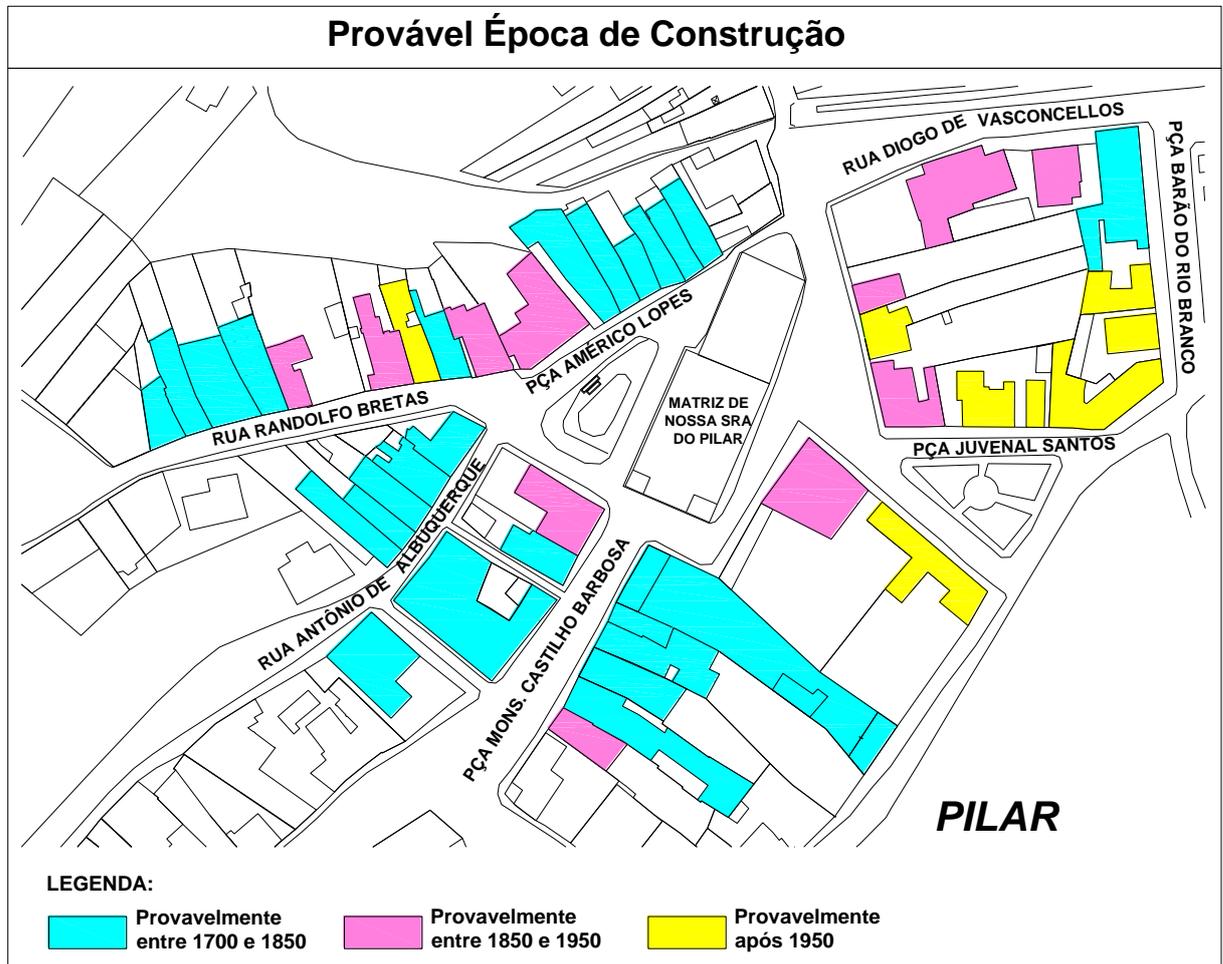


Figura 32 – Mapa que identifica a provável época de construção das edificações.  
Adaptação de mapa da Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

Logo, juntando-se tais informações com todo embasamento teórico já utilizado na pesquisa em si teremos como resultado uma análise sobre a evolução construtiva do Bairro Pilar, onde se falará sobre o desenvolvimento da cidade baseando-se especificamente em janelas, na realidade observada e na teoria estudada sobre as mesmas.

### **5.3. Relação entre Vergas e Tipos de Janelas**

No dia-a-dia não nos damos conta da diversidade de tipologias existente em Ouro

Preto. Formas, cores e muitas outras características presentes nas edificações do centro histórico da cidade passam despercebidas aos nossos olhos, sobressaindo-se apenas alguns imóveis, como, por exemplo, edifícios públicos e casarões, tanto coloniais quanto ecléticos. Portanto, a pesquisa em questão tem também como objetivo valorizar a arquitetura civil, muitas vezes esquecida perante exuberantes monumentos com os quais divide a paisagem de Vila Rica, bem como suas tipologias, pouco comentadas sob o ponto de vista trabalhado.

Tomando por base as janelas, individualmente trabalhadas, suas formas, tamanhos e técnicas construtivas, como também sua significância nas fachadas, notou-se, em um primeiro momento, que a variedade das tipologias dos vãos das edificações inseridas no perímetro trabalhado (entorno da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar) é grande. Porém, ao se realizar a pesquisa de campo que antecedeu a construção do inventário, observou-se que tal diversidade existe, mas que há predominância de certas características em muitos dos aspectos observados, dos quais daremos destaque aos tipos de janelas e tipos de verga. Ao mesmo tempo o que foi observado está muito próximo do que foi visto em todo embasamento teórico, que faz parte de estudos e análises sobre Minas Gerais e Ouro Preto feitos por Sylvio de Vasconcellos, entre outros arquitetos e pesquisadores.

Assim, encontramos na região janelas de peitoril e janelas de parapeito, bem como os dois tipos de janela presentes na mesma fachada. As janelas de peitoril são o tipo mais simples, portanto, o mais comum, tendo surgido já nas primeiras edificações setecentistas que eram, em sua maioria, de pavimento único e fachada simples. Tal tipo geralmente é caracterizado por um vão cuja altura em relação ao piso é de mais ou menos um metro, sendo esse de alturas variáveis, chegando a dois metros.

A princípio, tais janelas possuíam folha cega, ou seja, apenas a folha de madeira fechando o vão. Mais tarde, quando o uso do vidro se tornou mais comum e as técnicas construtivas se aprimoraram, surgiram as guilhotinas e bandeiras fixas, que se caracterizam por um “engradamento” de madeira que tem seus vazios preenchidos por pequenas peças de vidro (comumente retangulares, de dimensões entre 20 e 40 cm), assim como rótulas e venezianas, que passaram a fazer o fechamento do vão juntamente com as folhas, que ficaram para o interior da edificação. Janelas com estas características são as mais encontradas na região trabalhada (Fig.33), representando a grande maioria dos exemplares, presentes tanto nos pavimentos térreos quanto nos pavimentos superiores.



Figura 33 – Exemplos de janelas de peitoril contidas no inventário.

Fotos: Giordana Silva, 2010.

Já as janelas com parapeito surgiram posteriormente, e são mais comuns nos andares superiores. Tem maiores dimensões, geralmente rasgadas até o chão, podendo ser com parapeito entalado (ou seja, paralelo às ombreiras) ou com parapeito sacado (ou seja, quando o gradil fica a certa distância do vão, criando uma pequena sacada), que pode ser comum a todos os vãos do mesmo nível ou individual. É raro encontrarmos apenas janelas de parapeito, ocorrendo assim tal fato quando no andar térreo se tem apenas portas e no andar superior tais janelas, característica típica de edifícios que geralmente tem função comercial. São poucos os exemplares desse tipo na região, sendo mais comum encontrarmos janelas de parapeito nos andares superiores quando há ocorrência de janelas de peitoril nos andares térreos. Dessa forma, observam-se sacadas de madeira e de ferro, sendo este tipo mais comum, possuindo uma riqueza decorativa e, às vezes, até significados, como exemplo já citado anteriormente de casarão situado na Praça Tiradentes.

Ao contrário do que pensamos ver corriqueiramente, a diversidade de tipos de vergas existente na região em questão se caracteriza pela predominância de verga reta nas janelas das fachadas levantadas. A diversidade de cores e épocas construtivas “engana” nossos olhos e passa-nos a impressão de que a variedade de tipos de janelas é muito maior do que ela realmente é. Este fato não significa que não haja ocorrência dos outros tipos, porém encontramos pouquíssimos exemplares de vergas alteadas e ogivais, não se sobressaindo assim em comparação com o número de exemplares de verga de nível.

O tipo de verga reto é o mais comum, por ser o mais simples e fácil de produzir, contudo, o mais antigo. Sua ocorrência é observada desde os vãos presentes nas edificações mais primitivas que possuíam ainda janelas com folhas cegas e, mesmo com a evolução das técnicas construtivas continuou a ser utilizado em grande escala, pela fácil trabalhabilidade dos materiais na produção deste tipo de verga. Outro tipo encontrado é a verga curva, que exige técnica mais aprimorada, sendo geralmente observado em edificações um pouco mais “ricas”. Sua ocorrência é a mais comum, depois da verga reta, e pode ser encontrada tanto sozinha quanto acompanhando a verga reta na mesma fachada.

Já as vergas em arco pleno, que se caracterizam por uma evolução da verga curva de arco abatido, e as vergas triangulares, que estão no grupo das vergas ogivais são encontradas em raros exemplares.

Assim, quando analisamos a ocorrência de tipos de janelas e vergas ao mesmo tempo, notamos que há predominância das janelas de peitoril de verga reta, predominando também os exemplares de verga curva neste tipo. Nas janelas com parapeito também predominam as vergas retas, estando neste grupo o único exemplar de verga triangular encontrado. Já quando é observada a mistura dos tipos na mesma fachada, nota-se uma diversidade, havendo além da verga reta predominante, verga curva e em arco pleno, sendo que, geralmente, as janelas de peitoril estão nos andares térreos e as com parapeito nos andares superiores (Fig.34).



Figura 34 – Mapa que relaciona tipos de janelas e tipos de verga.  
Adaptação de mapa da Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

#### **5.4. Relação entre Prováveis Épocas de Construção e outros Aspectos**

Para que fossem analisados todos os aspectos observados que caracterizam os imóveis trabalhados, bem como suas fachadas e vãos em questão, foram feitos cruzamentos de dados a partir dos mapas construídos e já citados anteriormente, onde foi possível analisar melhor a relação entre todas essas características para que pudéssemos concluir sobre a evolução dos tipos construtivos na região, como base para se ter uma noção da evolução da arquitetura em Ouro Preto.

Dessa forma, tomando por base a provável época de construção, pôde-se perceber que a grande maioria das edificações levantadas possuem tipologia típica do período colonial, ou seja, provavelmente foram construídas no período entre início do século XVII até metade do século XIX, sendo que o restante dos exemplares, alguns provavelmente foram edificadas entre a metade do século XIX até a metade do século XX, aqueles que possuem características ecléticas, e outros possivelmente construídos após a metade do século XX, que são aqueles nos quais observamos características coloniais, mas com um olhar mais apurado notamos grandes diferenças, no que diz respeito a proporções, materiais e técnicas construtivas. Logo, foram feitas análises dos aspectos pesquisados (tipos de janelas, tipos de vergas, nº de pavimentos e proporção) tomando como referência as edificações de cada época (Fig.35, 36, 37, 38). Assim, pôde-se tirar algumas conclusões.

Nas edificações provavelmente construídas entre 1700 e 1850, nota-se que:

- A grande maioria das janelas é de peitoril;
- Todos os exemplares de edificações que possuem apenas janelas com parapeito estão nesse grupo;
- Existe um pequeno número de exemplares que possuem ao mesmo tempo janelas de peitoril e janelas com parapeito, sendo geralmente a de peitoril presente no andar térreo e a com parapeito nos andares superiores;
- A maioria das janelas é de verga reta, havendo alguns poucos exemplares que possuem verga curva, bem como a presença dos dois tipos, reta e curva, na mesma fachada;

- O único exemplar de verga triangular está neste grupo, assim como um dos exemplares que possui verga reta e em arco pleno na mesma fachada;
- Nem sempre a ocorrência de mais de um tipo de verga implica na ocorrência de mais um tipo de janela, havendo essa dinâmica exclusivamente nos imóveis de mais de um pavimento;
- A maioria das edificações é de dois pavimentos;
- Há um número representativo de edificações de pavimentos único, sendo que, a maioria dos exemplares de três pavimentos é observada neste grupo;
- A grande maioria possui predominância dos panos cheios sobre os vazios, sendo que todos os exemplares que possuem predominância dos vazios sobre os panos cheios estão nesse grupo, assim como a maioria dos exemplares que possuem um equilíbrio entre os cheios e os vazios.

Portanto, os imóveis dessa época possuem, em sua maioria, janelas de peitoril com verga reta, sendo de dois pavimentos e com predominância dos panos cheios sobre os vazios.

Já nas edificações provavelmente construídas entre 1850 e 1950, nota-se que:

- A maioria das janelas é de peitoril, sendo que existem alguns exemplares onde observa-se a presença de janela de peitoril e janela com parapeito na mesma fachada;
- A maioria é de verga reta, ocorrendo em um dos exemplares a mistura da verga reta com a verga em arco pleno;
- Há pouquíssimos exemplares que possuem verga curva, sendo que, o único exemplar que possui apenas verga em arco pleno está neste grupo;
- Existe um número igual de exemplares de edificações com um pavimentos e dois pavimentos, sendo que, um dos exemplares de três pavimentos está neste grupo;
- A maioria possui predominância dos cheios sobre os vazios, sendo que há um número representativo de exemplares que possuem um equilíbrio dos panos cheios e vazios nesta categoria.

Portanto, os imóveis desse período possuem, em sua maioria, assim como as edificações do século XVIII e meados do XIX, janelas de peitoril com verga reta, sendo de dois pavimentos, com predominância dos panos cheios sobre os vazios.

Por fim, nas edificações provavelmente construídas após 1950, nota-se que:

- Todos os exemplares possuem janela de peitoril com verga reta;
- A maioria das edificações é de pavimento único, sendo que há um número representativo de dois pavimentos nesta categoria;
- A maioria também possui predominância dos cheios sobre os vazios, ocorrendo um caso onde se observa o equilíbrio dos panos cheios e vazios.

Portanto, os imóveis desse período possuem, em sua maioria, janelas de peitoril com verga reta e predominância de cheios sobre vazios, assim como as edificações dos séculos anteriores, diferenciando-se apenas por haver predominância de edificações com um pavimento apenas.

A seguir, todos os mapas que foram construídos a partir dos cruzamentos das informações adquiridas de todas as edificações do perímetro em questão:



Figura 35 – Mapa que relaciona prováveis épocas de construção e tipos de janelas. Adaptação de mapa da Prefeitura Municipal de Ouro Preto.



Figura 36 – Mapa que relaciona prováveis épocas de construção e tipos de vergas.  
Adaptação de mapa da Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

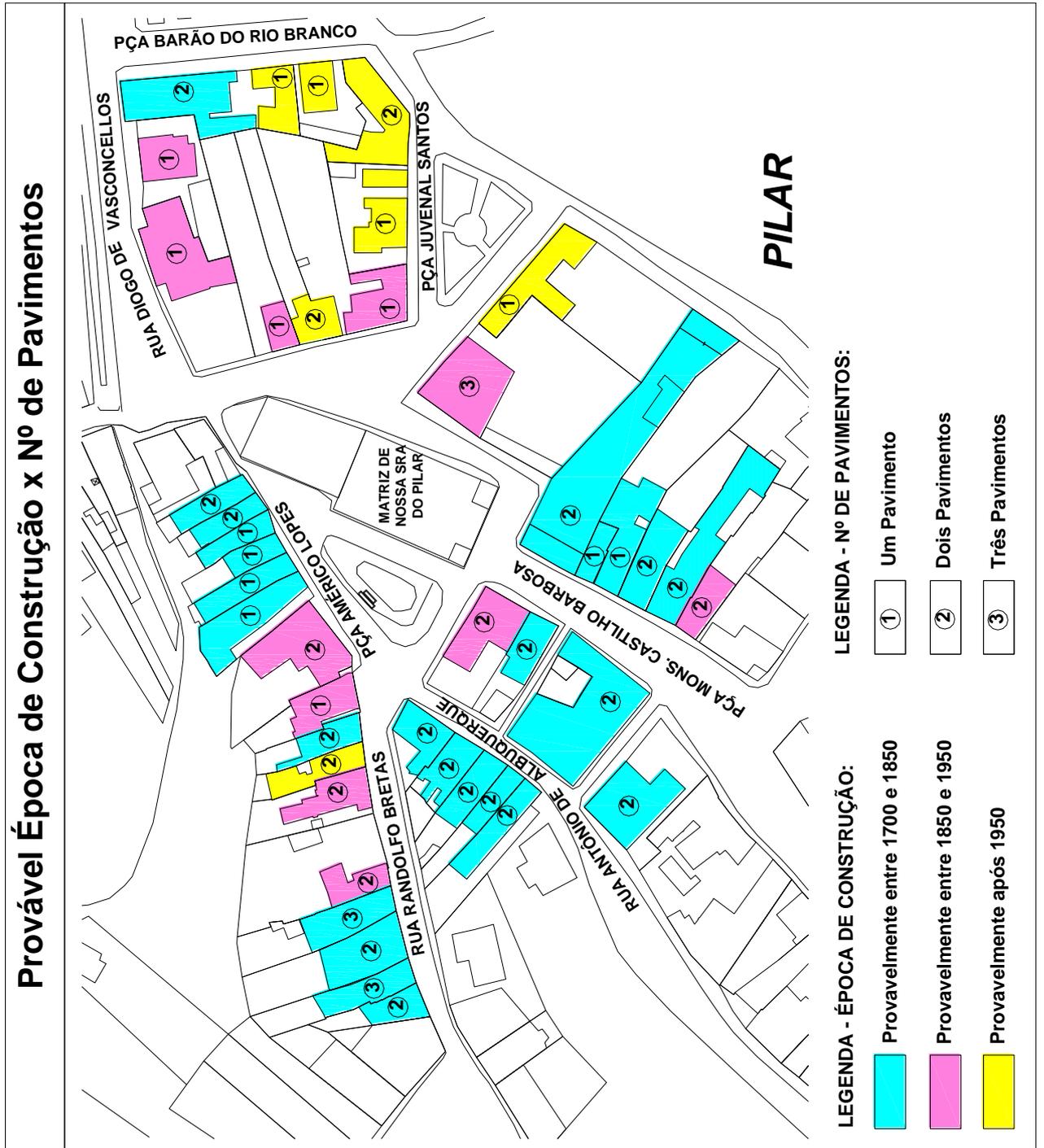


Figura 37 – Mapa que relaciona prováveis épocas de construção e nº de pavimentos. Adaptação de mapa da Prefeitura Municipal de Ouro Preto.



Figura 38 – Mapa que relaciona prováveis épocas de construção e proporção entre cheios e vazios.  
Adaptação de mapa da Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

Assim, pode-se perceber que a região do Bairro Pilar trabalhada ilustra muito bem o que já havia sido observado por Sylvio de Vasconcellos, Ivo Porto de Menezes e outros pesquisadores, a respeito de Ouro Preto e sua arquitetura. Englobando uma região central da cidade, notou-se que as edificações que fizeram parte da pesquisa são tipicamente do século XVIII, em sua maioria, caracterizando-se como sobrados, edificados em alvenaria de pedra ou pau-a-pique, sendo mais comum esta última, mesmo que em boa parte dos casos foi substituída por sistema construtivo mais recente, geralmente tijolo maciço. Os pisos e forros comumente são de madeira, hoje raramente originais, respeitando-se apenas as mesmas técnicas construtivas. Logo, a madeira também era o material mais utilizado nos vãos, em suas vergas, ombreiras, peitoris e soleiras, observando-se raramente o uso da pedra.

Com a evolução das técnicas e a mudança de necessidades da população, nota-se o uso de materiais mais resistentes e de melhor qualidade, não possuindo apenas função decorativa, mas prezando, em primeiro lugar, a utilidade de todos os elementos. Dessa forma, observamos vários exemplares do século XVIII que ilustram claramente tal época e, podemos assim, notar a evolução dos sobrados, a princípio mais tímidos, com plantas que tendem a ser mais compridas, ou seja, maiores em profundidade no lote, e conseqüentemente com fachadas mais estreitas, mas logo esses lotes se alargam, dando lugar a construções maiores, logo com maiores fachadas e presença de maior número de vãos, além de novos elementos, como balcões e sacadas protegendo as janelas que surgiam rasgadas até o chão, assim como as folhas almofadadas e o surgimento das vergas em arco pleno entre outras formas até então não vistas em conjunto com as vergas retas e curvas de arco abatido.

A grande maioria das edificações conserva suas tipologias, mas muitas delas já não possuem mais os materiais ou técnicas originais, sendo bastante comum a mudança da dinâmica interna dos cômodos bem como a função, antes residencial, hoje comercial.

Com a chegada do século XIX, tem-se o surgimento de novos estilos, que passam a coexistir com os do século anterior, acrescentando à paisagem uma nova dinâmica arquitetônica, sem substituir a tradição pré-existente do estilo colonial. Assim, pode-se notar uma modernização, sendo as fachadas as primeiras a sofrerem modificações em seus elementos, se tornando cada vez mais forte os valores estéticos. Contudo, a maior liberdade de produção resultou em estilos até então desconhecidos, onde muito se utilizava criatividade e competências artísticas, juntamente com a tradicional engenharia. Além disso, nota-se que a

proporção entre panos cheios e vazios sofreu mudanças, que resultou em uma redução dos panos cheios em relação aos vãos, passando a ocorrer um equilíbrio, tipologia esta claramente observada nas edificações de meados do século XIX.

Encontramos na região alguns poucos, mas significativos exemplares ecléticos, que representam os novos conceitos arquitetônicos da época, como, por exemplo, a função dos ornamentos como parte da arquitetura propriamente dita e não apenas como elementos decorativos das fachadas. As edificações com características do ecletismo se mostram mais belas a uma primeira vista, tanto pela grandiosidade quanto pelo uso intenso de formas e cores, além das inovações no uso de materiais e técnicas, que foram aos poucos ganhando o gosto o popular. Em tais edificações encontramos raramente em suas fachadas vergas, peitoris e ombreiras de material diferente incorporado na alvenaria, como nas construções do século XVIII, sendo definidos em relevo nas paredes das fachadas geralmente por argamassa, semelhante aos ornatos, predominando assim uma maior diversidade de formas, sem muitas tradições ou repetições.

No final do século XIX nota-se uma busca pelo tradicional, passando a se construir edificações que possuem características bastante semelhantes às coloniais. A criação do Patrimônio e sua atuação sobre os centros históricos institucionalmente protegidos, vulneráveis a descaracterização, traz novos conceitos e critérios de preservação e conservação urbana. Assim, suas primeiras ações tratavam a cidade apenas como expressão estética, dando pouco valor ao seu caráter documental e sua importância cultural para região. Mas logo os conceitos de centro histórico juntamente com a prática das ações de conservação foram evoluindo, o que resultou no estabelecimento de critérios que foram se modificando ao longo das décadas. As novas construções, a princípio, eram encaradas como um retoque, devendo seguir o estilo modernista, vigente da época, ou diluir-se no contexto, de maneira que não interferisse negativamente no conjunto pré-existente. Buscava-se ajustar a arquitetura nova ao antigo cenário, diminuindo os contrastes, mas sem reproduzir as construções coloniais, evitando “fingimentos”, sendo exigidos pelos órgãos responsáveis que se utilizasse nas fachadas elementos estruturais de madeira, assim como nas construções do século XVIII. Mas o crescimento da cidade demandou que houvesse uma atenção maior as exigências feitas a respeito das dimensões dos lotes e implantação das edificações nos mesmos, já que o número de construções novas aumentava significativamente. Tal fato resultou na determinação de

novas exigências que seriam feitas pelo Patrimônio, onde se continuava ainda a colocar “vista grossa” nas técnicas utilizadas no exterior das edificações. Nos exemplares desse período notamos que é forte a presença de telhados em duas águas, com telha canal, beiral encachorrado, janelas em guilhotinas com caixilhos, geralmente de verga reta, com pintura de cor branca nas alvenarias e cor escura nas madeiras. Porém, mesmo que esse novo estilo de construção seja tão semelhante ao genuinamente colonial, a ponto que se confundam a olhos leigos, existem muitas diferenças de proporção, tanto de fachadas quanto de plantas.

A busca pela harmonia tipológica resultou na determinação de um padrão de características para as novas construções que surgiam, de modo que respeitassem o traçado e uso do lotes predominante na região, muitas vezes repetindo elementos da arquitetura tradicional, sem que fossem criados falsos coloniais, mas apenas se utilizasse uma forma semelhante de se construir. Dessa forma, encontramos na região em questão alguns poucos exemplares de edificações que ilustram esse período, podendo-se, com um pouco de análise, notar as diferenças entre os diversos estilos e épocas arquitetônicas. Assim, percebe-se que o contexto histórico no qual se insere o Bairro Pilar é bem definido por sua arquitetura, representando muito de sua cultura e sociedade, bem como as evoluções que sofreu ao longo dos séculos.

## 6. Conclusão

Ouro Preto é uma cidade predominantemente colonial, onde suas formas, cores e seu traçado revelam muito de sua história e de sua evolução urbanística. O surgimento de novos materiais e novas técnicas, criando novos estilos arquitetônicos, deu resultado a uma diversidade de tipologias que foi, aos poucos, caracterizando a cidade que temos hoje. Dessa maneira, pode-se observar que a arquitetura civil encontrada em Vila Rica, tomando por base o perímetro inserido no Bairro Pilar, que foi inventariado, engloba as produções arquitetônicas características de diferentes épocas. Os sobrados típicos do século XVIII têm forte presença, sendo contrastados pelas inovadoras construções ecléticas do século XIX, sendo que ambos conseqüentemente abrem espaço para a nova arquitetura que surge sob parâmetros que as assemelham às produções do período colonial, conforme exigências que obedecem aos critérios criados por órgãos responsáveis pelo patrimônio material a fim de garantir a preservação e conservação dos centros históricos. Assim, através de um embasamento teórico que auxiliou na realização da análise comparativa entre passado e presente após toda a pesquisa de campo, é perceptível que as características observadas anteriormente por outros estudiosos, como Sylvio de Vasconcellos, sejam ainda preservadas, permitindo que a cidade evolua de acordo com suas necessidades e de sua sociedade sem que perca sua identidade e seu belo conjunto arquitetônico.

## 5. Referências Bibliográficas

BONAMETTI, João Henrique. *A Arquitetura Eclética e a Modernização da Paisagem Urbana Brasileira*. R.cient./ FAP, Curitiba, v.1, jan/dez 2006.

FILHO, Arthur C. Tavares. *Uma visão histórica sobre as noções de tipo e tipologia arquitetônica*. In: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFRJ, 2005. Disponível em: <[http://www.fau.ufrj.br/prologar/arq\\_pdf/dissertacoes/Dissert\\_Arthur%20tavares\\_2005/CAP1\\_a%20evolu%E3o%20do%20conceito%20de%20tipo.pdf](http://www.fau.ufrj.br/prologar/arq_pdf/dissertacoes/Dissert_Arthur%20tavares_2005/CAP1_a%20evolu%E3o%20do%20conceito%20de%20tipo.pdf)>. Acessado em junho de 2010.

LEMOS, Celina Borges; MARTINS, Cláudia Marun Mascarenhas; BOIS, Maria Clara Maciel Silva. *O Século XIX na Paisagem Cultural Ouro-Pretana - Cotidiano, Arquitetura e Modernidade Imperial*. In: Cedeplar - Universidade Federal de Minas Gerais, Seminários, 2006. Disponível em: <[http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario\\_diamantina/2006/D06A021.pdf](http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2006/D06A021.pdf)>. Acessado em setembro de 2010.

MENEZES, Ivo Porto de. *Vãos na Arquitetura Tradicional Mineira*. Belo Horizonte: ed. IAPI, 1957.

PEREIRA, Sonia Gomes. *A Historiografia da Arquitetura Brasileira no Século XIX e os Conceitos de Estilo e Tipologia*. 19&20, Rio de Janeiro, v. II, n. 3, jul. 2007. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad\\_sgp.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ad_sgp.htm)>. Acessado em setembro de 2010.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. *Ouro Preto: dos gestos de transformação do “colonial” aos de construção de um “antigo moderno”*. Anais do Museu Paulista, São Paulo, n.4, 1996.

SMITH, Robert C. *Arquitetura Civil no Brasil Colonial*. In: FAAUSP e MEC-IPHAN. *Arquitetura Civil I: Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. São Paulo: FAUUSP e MEC-IPHAN, 1975. p.95-190.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.

\_\_\_\_\_. *Vila Rica. Formação e Desenvolvimento – Residências*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

VAUTHIER, L. L. Casas de Residência no Brasil. Introdução: Gilberto Freire. In: FAAUSP e MEC-IPHAN. *Arquitetura Civil I: Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. São Paulo: FAUUSP e MEC-IPHAN, 1975. p.01-94.

VILLASCHI, Juca. *Caderno Ofícios: Cidade – Ouro Preto*. FAOP, 2008.

## 8. Bibliografia

*Art Nouveau*. In: Pitoresco - Glossário sobre Arte. Disponível em: <[http://www.pitoresco.com.br/art\\_data/art\\_nouveau/index.htm](http://www.pitoresco.com.br/art_data/art_nouveau/index.htm)>. Acessado em agosto de 2010.

BAETA, Rodrigo Espinha. *Ouro Preto: Cidade Barroca*. 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

CECÍLIA, Bruno Santa. *Edificações e espaços livres: dois recortes da arquitetura de Minas Gerais*. In: Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo, nº1, 2008 - Artigos. Disponível em: <[http://www.usjt.br/arq.urb/numero\\_01/artigo\\_04\\_180908.pdf](http://www.usjt.br/arq.urb/numero_01/artigo_04_180908.pdf)>. Acessado em setembro de 2010.

*História do Brasil Colônia - O Período Colonial*. In: Sua Pesquisa, 2004. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/colonia/>>. Acessado em setembro de 2010.

MAIA, Adhalmir Elias dos Santos. *Ouro Preto*. Ed. Santa Edwiges, 1969.

*Marquês de Pombal*. In: UOL Educação - Biografias, 1996. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u644.jhtm>>. Acessado em setembro de 2010.

MOTTA, Lia. *A SPHAN em Ouro Preto; uma história de conceitos e critérios*. Revista do Patrimônio, IPHAN, nº 22, p. 108 a 122. Rio de Janeiro, 1987.

*O que querem dizer as palavras usadas em construção e reformas*. In: Reforma & Construção - Dicionário da Construção. Faz Fácil, 2000. Disponível em: <[http://www.fazfacil.com.br/reforma\\_construcao/dicionario\\_construcao\\_m.html](http://www.fazfacil.com.br/reforma_construcao/dicionario_construcao_m.html)>.

Acessado em setembro de 2010.

SÁ, Danilo. *Arte Brasileira do Século XIX: O Neoclassicismo*. In: Texto Livre - Artigos, 02 mai 2010. Disponível em: <<http://www.textolivre.com.br/artigos/25381-arte-brasileira-do-seculo-xix-o-neoclassicismo>>. Acessado em agosto de 2010.

A *História da Arquitetura*. In: E-Civil - Artigos Técnicos, 2000. Disponível em: <[http://www.ecivilnet.com/artigos/historia\\_da\\_arquitetura\\_4.htm](http://www.ecivilnet.com/artigos/historia_da_arquitetura_4.htm)>. Acessado em agosto de 2010.

SALLES, Fritz Teixeira de. *Vila Rica do Pilar - Um Roteiro de Ouro Preto*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1965.

SOUSA, Rainer. *Capitanias Hereditárias*. In: Brasil Escola - História do Brasil - Brasil Colônia, 2002. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiab/capitanias-hereditarias.htm>>. Acessado em setembro de 2010.

*Tomé de Sousa*. In: Brasil Escola - História do Brasil - Brasil Colônia, 2002. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiab/tome-sousa.htm>>. Acessado em setembro de 2010.

TÔRRES, João Camilo de Oliveira, *História de Minas Gerais*. 3ª ed. Belo Horizonte: Ed. Lemi, 1980.

**Anexo**

**Inventário**